O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 31 DE MARÇO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:679

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—BOLETIM.—VERDADES.—A RÉGIE.—NOTICIARIO.—A RAINHA NO PORTO.—SESSÕES PARLAMENTARES.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena.*—PAGINA LITTERARIA: ALLELUIA! ALLELUIA! *por Tirmino Pereira;* SCHILLER; TOULON EM 1837; FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—TELEGRAMMAS.

AVEIRO

BOLETIM

Porque é que a opposição parlamentar prefere á *régie* a liberdade de funil, quanto ao regimen dos tabacos? Sé se sabe que o estado lucra com aquelle expediente administrativo mais algumas centenas de contos, que o consumidor não perde, e que os manipuladores ganham, porque vae obstar a que estes continuem a ser como até aqui explorados pelo capital, d'onde provém tão grande sanha contra a *régie?* Entrará n'esta cabala o jogo de fundos, conforme a cotação da rua dos Fanqueiros?

Pelo menos a manobra parece transparente. E o povo não confia nos que se alistaram ao soldo do banqueiro belga, que de si para si imagina que vê melhor, pela regra conhecida, de que na terra dos cégos... Pois fique sabendo que ha por cá muito quem lhe descubra as manhas.

Mas é corrente que um particular e notavel industrial empregue todos os meios para lograr os seus fins, que são chegar a braza á sua sardinha; o que porém não nos parece correcto é o proposito d'aquelles que pela sua posição deviam zelar os interesses publicos, e apenas os vemos empenhados em pleitear a favor das conveniencias particulares. O que isto quer dizer é, que a opposição não se importa com o paiz, e quer estorvar que se emprehenda uma remodelação quanto aos tabacos, que será favoravel ao individuo e ao estado.

E por isso ella recorre no parlamento aos meios impeditivos, supondo que d'este modo combate vantajosamente o governo. Pois procedendo tão desassizadamente o que faz é dar armas ao ministerio progressista para a combater com decidida vantagem.

Creia a opposição parlamentar, que na campanha dos tabacos não só não tem por si o favor da opinião, mas tambem tem de luctar com a grande maioria dos seus correligionarios.

Já vê que continua em maré de infelicidades.

O nobre ministro da fazenda annunciou uma diminuição de impostos na futura sessão de 1889. Vae reduzir os que incidem sobre a importação do bacalhau e outros, e acabar com a decima de juros.

Ha muito que levantámos aqui uma crusada contra esta ultima contribuição, agravada ultimamente com a aposição do sello nas letras. Supoz o legislador, que a rêde fiscal abrangeria os bens de carteira. Pois illudiu-se redondamente. Os capitalistas ficaram acoberto d'esta e de quantas combinações possam fazer os governos d'este paiz. Nas condições com que emprestam o seu dinheiro, é que vae a cousa. Todos os encargos ficam de conta do devedor, e quando este não anúa tem de restituir o dinheiro, o que nem sempre é facil. N'este caso os bens de carteira ficam incolumes, e os que precisam é que pagam tudo.

D'estas verdades se acha compenetrado o governo, aliás não teria feito aquella promessa, que registamos com prazer. D'este modo cessarão enormes vexames. Acabar-se-ha com o imposto lançado sobre a miseria. Porque o tributar o individuo, quando a materia collectavel é negativa, exprime exactamente o contrario do que pretendem os economistas.

VERDADES

O *Dia* publicou, por occasião da ida ao Porto da commissão, presidida pelo sr. Moreira da Fonseca, um artigo digno de lêr-se, porque tudo o que diz são verdades que convém repetir. O artigo a que nos referimos, e que por falta d'espaço não temos publicado, è o seguinte. Vae com a propria epigraphe que o precede.

A RESPOSTA DE EL-REI

«Lá foi ao paço a commissão do *meeting* regenerador do Porto. O sr. Moreira da Fonseca disse e leu. Disse, pouco mais ou menos, que se não estivesse seguro da sua justiça e esperançado em vêr essa justiça attendida, *não se teria dado ao incommodo* de vir do Porto á Ajuda. Depois leu a representação. El-rei ouviu, ouviu, e não respondeu nada.—Esta mesma resposta foi a que S. M. deu depois á commissão progressista.

El-rei não respondeu nada; mas podia ter respondido muito. Podia ter dito, por exemplo:

«—Bem os conheço. Os srs. estiveram cá poucos mezes depois de eu ter chamado ao poder os progressistas, por se haver demittido o gabinete regenerador, e vieram dizer-me exactamente o mesmo que dizem agora: *que o paiz estava indignado contra o governo.* Pareceu-me historia tanta indignação arranjada em tão pouco tempo; e como eram vesperas de eleições geraes, esperei pelo que dissessem os eleitores. Esperei e observei attentamente: não vi, porém, nem sombras da tal *indignação* com que me haviam quebrado a cabeça; antes reparei em que o paiz, muito pacificamente, sem dar signal de ser violentado, constituia em volta do governo solidas maiorias parlamentares. E, depois d'isso, continuei a vel-o socegado, cumprindo as leis e pagando os impostos, não havendo em parte nenhuma demonstrações de descontentamento, sênão depois dos centros regeneradores terem decidido que o povo devia estar descontente.

D'aqui conclúo eu que a *indignação*, com que os senhores argumentam agora, pode ser tão real como aquella com que me queriam assustar ha dois annos, e deixo ficar o governo. Desejaria muito poder ser-lhes agradavel; mas o que eu não faço é tornar-me rei absoluto, como os senhores parecem querer. Se teem muita pressa de ver o ministerio em terra, entendam-se lá com as camaras ou com os ministros: á porta do paço escusam de vir bater. Se eu demittisse os meus conselheiros cada vez que os seus adversarios se *indignam* contra elles, gastava toda a minha dotação em pennas para assignar decretos! Querem um conselho? Estejam quietos e não sejam impacientes. Se o Fontes vivesse, os senhores não faziam o que estão fazendo; elle sabia esperar e escolher as occasiões, e não tinha a pretenção de me fazer imposições. Vão, vão se embora, e não tornem a cá vir, sem eu os chamar como rei constitucional! Vivam!»

E se el-rei désse esta resposta, crêmos que o Porto, o Porto liberal, que não é o Porto que cabe no theatro de S. João, havia de applaudil-a.»

A REGIE

Pertence ao nosso collega do *Correio da Noite* o artigo que segue:

Está em discussão na camara dos deputados o projecto do novo regimen dos tabacos, pela *regie.*

E' da mais alta importancia esse projecto, principalmente se o considerarmos pelo lado economico e fiscal. A passagem immediata da fabricação do tabaco para o estado, a exemplo do que succede na França, na Austro-Hungria e na Italia, permittindo a melhor fiscalisação dos direitos do tabaco, sem prejudicar a melhoria do fabrico, nem augmentar os preços d'aquella industria, garante para o thesouro, segundo os calculos officiaes, uma receita que oscillará entre 4:437 e 4:810 contos, quantia certamente não inferior á que foi calculada para o monopolio, e seguramente muito superior á que podia esperar-se do gremio.

Acompanharemos esta interessante discussão em todas as suas phases pela natural importancia do assumpto —importancia politica, administrativa e fiscal, e mais ainda porque parece ter sido esta proposta escolhida pela opposição para os mais violentos ataques ao governo.

*

No interesse dos nossos leitores, damos hoje na sua integra o projecto de lei dos tabacos e a summula das principaes disposições explicativas nas bases que fazem parte do projecto.

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.° A fabricação dos tabacos no continente do reino será feita exclusivamente por conta do estado, sendo para isso expropriadas por utilidade publica as fabricas existentes no continente do reino, tudo nos termos e condições das bases annexas á presente lei e que fazem parte integrante d'ella.

§ 1.° O governo poderá levantar as quantias, até ao limite de 7.200:000$ ráis, de que carecer para as indemnisações, capital fixo e circulante, liquidação de contas de transição e mais pagamentos legaes, a que for obrigado, emittindo para isso obrigações especiaes amortisaveis no praso maximo de quarenta annos com encargo não excedente a 432:000$000 reis annuaes para juro e amortisação.

§ 2.° A verba annual para juro e amortisação das obrigações emittidas nos termos do paragrapho antecedente, é encargo da administração do fabrico dos tabacos.

§ 3.° O governo dará conta ás côrtes na sua primeira reunião do uso que fizer d'esta auctorisação.

Art. 2.° Fica revogada toda a legislação em contrario.

BASES

1.ª O governo, logo que a presente lei fôr publicada, decretará a expropriação, por utilidade publica, das fabricas de tabacos existentes no continente do reino.

A propriedade das referidas fabricas passará logo para o governo, que tomará posse administrativamente das que não estiverem já na sua administração, depositando na caixa geral de depositos como garantia do preço das expropriações, titulos de divida publica consolidada, equivalentes, pelo preço do mercado, ao valor do activo liquido de cada empreza, segundo a respectiva escripturação, e mais um terço d'esse valor.

O valor definitivo da indemnisação devida pela expropriação da fabrica ou fabricas de cada sociedade ou empreza, será fixado por arbitros nomeados em numero igual pelo governo e pela sociedade ou empreza, e consistirá no valor effectivo dos bens e direitos transmittidos para o estado, accrescido dos lucros cessantes a que a expropriada tenha direito.

O arbitro de desempate, não concordando as partes na escolha, será eleito pelo supremo tribunal de justiça em sessão plena.

Se a empreza expropriada fôr sociedade anonyma, poderá esta optar pela venda ao estado das suas acções pela ultima cotação de operações effectuadas antes de 31 de dezembro de 1886.

2.ª—A administração do fabrico de tabacos por conta do estado será confiada a um conselho de administração composto de cinco membros, sob a a inspecção de um conselho fiscal composto de tres membros, nomeados ou eleitos para servirem por tres annos.

Um membro do conselho de administração será eleito pela camara dos dignos pares do reino, outro pela camara dos senhores deputados, e tres, dos quaes um será o presidente, nomeados pelo governo.

Para o conselho fiscal serão eleitos um vogal pela camara dos dignos pares, que será o presidente, outro pela camara dos senhores deputados, que será o vice-presidente, e o terceiro nomeado pelo governo.

As camaras legislativas elegerão para o conselho de administração e para o conselho fiscal tantos vogaes supplentes, quantos forem os effectivos que lhes pertença eleger.

Os deveres e attribuições dos membros dos dois conselhos regulam-se pelas prescripções do contracto de mandato, podendo este ser renovado no fim do praso e a todo o tempo revogado.

3.°—A fabricação dos tabacos será feita em duas fabricas em Lisboa e 2 no Porto, não podendo este numero ser reduzido senão quando a diminuição não prejudique a collocação dos operarios em boas condições hygienicas.

As condições de serviço interno e do trabalho dos operarios, penas desciplinares e motivos de suspensão e despedida, serão determinados em regulamento proposto pelo conselho de administração, tendo ouvido os delegados dos operarios, e approvado pelo governo.

Será estabelecida uma caixa de reformas para os operarios impossibilitados, dotondo-a annualmente o governo com 20:000$000 reis, se maior quantia não for determinada pelas côrtes.

A reforma de cada operario não será inferior a 1$500 reis semanaes.

O dia de trabalho será fixado em oito horas, podendo só em casos excepcionaes reduzir-se a seis horas e pagando-se qualquer excesso sobre oito horas, á rasão de 10 por cento de dia e 20 por cento de noite.

As despezas de escriptorio, incluindo ordenados de empregados, não poderão exceder a 72:000$000 de reis em cada anno, sendo as nomeações, promoções, demissões e castigos dos empregados attrimuição exclusiva do conselho de administração.

Nos primeiros seis mezes do seu exercicio, o conselho de administração formulará e fará publicar no *Diario do Governo* o quadro definitivo do pessoal de empregados de escriptorio.

O estado interessará os conselhos de administração e fiscal e o pessoal operario e não operario, nos lucros da fabricação do tabaco na percentagem de 5 por cento do excesso d'esses lucros annuaes sobre 3.500:000$000 rs. dos quaes pertencerão 1|5 ao conselho de administração, 3|50 ao concelho fiscal, 1|10 ao pessoal não operario e 32|50 as pessoal operario; e serão distribuidos a todos proporcionalmente aos respectivos ordenados e vencimentos, podendo uma parte do quinhão dos operarios ser destinada á dotação de uma caixa de soccorros.

4.°—Continuam em vigor na região do Douro as disposições da carta de lei de 12 de março de 1886 e 28 de abril de 1886, sendo, porém obrigada a administração do estado a consumir até 10 por cento de tabaco produzido n'aquella região, quando o haja. O *bonus* concedido por aquellas leis será mantido como differença de preço.

§ 1.° A administração do estado consumirá tambem até 5 por cento de tabaco produzido nas ilhas e 5 por cento das provincias ultramarinas, quando lhe seja offerecido.

§ 2.° Se a região do Douro não perfizer o fornecimento de 10 por cento de tabaco preciso para a fabricação, o governo poderá auctorisar o cultivo de tabaco em outras regiões, onde os vinhedos tenham sido destruidos pelo phylloxera.

5.° As compras de tabaco estrangeiro e de outras materias primas de consumo, superior ao valor de réis 10.000$000 em cada anno, serão feitas precedendo concurso aberto no reino e nos principaes mercados e centros productivos.

6.° A venda de tabacos fabricados continua livre nos termos das leis vigentes.

7.° Os direitos de importação sobre tabacos manipulados estrangeiros continuarão a ser os fixados no decreto de 27 de janeiro de 1887, e só dos que tiverem pago direitos de importação e dos fabricados por conta do estado é livre a venda no continente do reino.

§ unico. E' prohibido o despacho para consumo de tabaco em rama, folha, rolo ou outra forma não manipulada, a não ser feita pelo estado para as suas fabricas.

8.°—A cobrança coerciva dos creditos da administração do estado pela venda de tabacos, será feita nos mesmos termos que a das contribuições directas.

9.°—O governo fará conservar nas fabricas do estado os operarios das mesmas emprezas existentes em 31 de dezembro de 1887, e reorganisará o serviço da fiscalisação, regulado por decreto de 25 de agosto ultimo, nos termos convenientes ao regimen prescripto n'estas bazes.

Os salarios dos operarios serão regulados pelos mais vantajosos e eguaes em Lisboa e Porto.

O operario ou não operario, que do serviço particular passe para o do estado, não poderá ser despedido sem motivo justificado, reconhecido pelo conselho de administração ou julgado por sentença do poder judicial.

A administração do estado garantirá a todo o pessoal operario e não operario actualmente interessado no legado João Paulo Cordeiro, o beneficio d'esse legado calculado pelo do anno de 1886.

O pessoal não operario, que ficar addido ao quadro definitivo organisado em observancia da base 3.ª, fará serviço nas fabricas ou nas alfandegas e outras repartições publicas, onde o governo julgar conveniente collocal-o, não podendo ser admittido ou nomeado para aquelle quadro pessoal novo, ou augmentados os ordenados do actual, emquanto houver empregados addidos e a despeza não estiver reduzida ao limite prescripto na citada base.

10.ª Ficam em pleno vigor todas as disposições repressivas do contrabando, descaminho, das trangressões dos regulamentos relativos a tabacos actualmente em vigor.

NOTICIARIO

Notas de carteira.—Esteve na quarta-feira em Aveiro, o nosso illustrado amigo o sr. José Maria Villegas d'Ortiz Pereira de Mello, d'uma das mais nobres familias da Beira Alta.

— Veio hontem a esta cidade o nosso respeitavel amigo e correligionario, o sr. dr. José Maria d'Albuquerque Tavares Lobo, de Sever do Vouga.

— Tem passado aqui as ferias da Paschoa o nosso distincto amigo o sr. Abilio Cesar Henriques de Aguiar, dignissimo professor de latim no lyceu de Coimbra, com sua ex.ma familia.

— Está na Oliveirinha, hospede do illustre parlamentar sr. Castro Mattoso, o nosso velho amigo e digno empregado no ministerio das obras publicas o sr. Manuel Gualdino de Campos, com sua ex.ma esposa. Esperam-se tambem ali na segunda-feira os distinctos lentes da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, os srs. drs. Chaves e Castro, Bernardo de Albuquerque e Assis Teixeira.

A caridade.—Vamos ter no nosso theatro uma recita em beneficio das victimas do theatro Baquet. A idéa partiu de um illustrado cavalheiro e conhecido iitterato o sr. Eça Leal, ou antes foi elle quem a abraçou com enthusiasmo, sendo auxiliado por outros, que se empenham porque em Aveiro o sentimento da caridade se manifeste, e porque acompanhe o movimento geral do paiz em prol dos que ficaram sem pão, lamentando a grande catastrofe que a muitos cobriu de luto.

Subirá á scena o drama—*A vida de um rapaz pobre*—e entrarão n'elle algumas senhoras da nossa primeira sociedade, cujos nomes ainda não estamos auctorisados a publicar. Fal-o-emos no nosso primeiro numero, dando tambem conta do dos cavalheiros que entram no espectaculo, cujo intuito nobre e levantado não causaremos de aplaudir.

Em Lisboa vae tambem dar-se uma recita de amadores no theatro de D. Maria, entrando n'ella a fina flor da capital.

La noblesse oblige.

Theatro Aveirense.—A'manhã, segunda-feira, quarta e quinta, vamos ter recitas no nosso theatro pela companhia dramatica dirigida pelo distincto actor Taveira, com os seguintes espectaculos:—*As guerras do Alecrim e da Mangerona,* notavel e classica comedia, ornada de musica; *Os Milhões do Criminoso,* drama em 1 prologo e 5 actos, de Xavier de Montépin; *A Princeza de Bagdad,* drama em 3 actos, de Alexandre Dumas (filho); e *A Morgadinha de Val-Flor,* drama em 5 actos, do sr. Pinheiro Chagas.

A assignatura para estas recitas está aberta no estabelecimento do nosso amigo, o sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, aos Balcões.

Sobre os theatros.—Não somos exigentes com as empresas de espectaculos, mas tambem não podemos transigir com ellas quando não sejam sensatas nos seus pedidos. Ha prescripções exageradas, mas tambem as ha fundadas em circumstancias por tal modo attendiveis, que não se pode pospol-as, sem perpetrar um crime.

No theatro Aveirense pouco ha, no momento, a fazer, para prehencher as exigencias dos technicos. Transformar as portas de entrada, pondo-as a abrir para fóra do edificio, era de ha muito necessidade impreterivel. A abertura do corredor da primeira ordem para o salão, era outra necessidade egualmente impreterivel. Ha alli tres portas, que se conservavam fechadas nas noites de espectaculo, o que era um erro. A terceira é a collocação de uma bomba no palco, com a manga mergulhada em um deposito d'agua, e todos os bombeiros a postos, como se tivessem na sua frente o inimigo a combater. Não se deve consentir que o piquete, ou parte d'elle venha para as platéias. O seu logar não é alli, mas no palco, onde começam todos os incendios.

Feito isto já, pouco mais restará a fazer. E consta-nos que a direcção do theatro, já ámanhã terá providenciado n'aquelle sentido.

Cumpre accrescentar, que as portas do edificio, que são de embutir na parede, devem estar prezas de modo, que não possa ninguem pol-as em movimento, senão o guarda quando tiver de fechar a casa do espectaculo. E' o meio de evitar os erros sempre fataes por occasião dos sinistros.

A feira.—A exposição dos artigos principaes de consumo está bem representada, sendo grande o numero de barracas em que se vendem: quinquilherias, pannos e fazendas brancas e objectos de Guimarães, artigos de retroseiros, mobilia e oratorios, relojoaria, e objectos de folha de Flandres, ourivesaria e fato feito, arames, chitas e capella, chapeus e guarda-soes e objectos de metal amarello, artigos de corrieiros, sapatos e tamancos, além de outros muitos objectos que se vendem avulso; lojas de modas e ourivesaria e um leilão; tres barracões em que se expõem figuras de cera, *fantoches* e o jogo do *pim, pam, pum,* mas tudo ordinario: muitas barracas de *comestiveis* e *bebestiveis* e bôtequins, tal é a vista geral da nossa feira de março. Apezar do mau tempo a concorrencia no dia principal, (25), em que teve logar tambem, na ria, a feira de barcos, foi muito regular, e ainda se fez bastante negocio. Nos immediatos a concorrencia de gente de fóra tem sido grande, mas a cheia, invadindo desmedidamente o local da feira, contrariou immenso o seu movimento; mas se o tempo levantar, como parece indicar o estado da atmosphera, é de esperar que na proxima semana os feirantes façam o seu negocio mais desafogado e recuperem o tempo perdido.

Subscripção.—A que o sr. Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, abriu na sua freguezia a favor das familias das victimas do theatro Baquet, estava hontem nos seguintes termos:

Transporte	3$040
Antonio de Bastos Junior....	$100
Commendador João Correia de Mello.....	2$250
Clemente de Souza e Mello...	$500
José d'Oliveira e Santos.....	$500
Domingos Lopes d'Oliveira...	1$000
Antonio Lopes d'Oliveira....	$200
Dr. José Correia de Miranda..	$500
Somma.....	8$090

(Continúa.)

Mercado de pesca.—Não falta pesca frescal no mercado. Procedente de Cezimbra continua a chegar por terra e pelo mar. O preço d'esta é de 1$100 reis o milheiro. A do nosso littoral continua quasi sem procura, sendo ainda o seu preço maximo o de 550 e 600 reis o milheiro.

Mercado de peixe.—Continúa a falta de peixe branco no mercado, mas abundam as enguias, de que ha sempre fartura quando a ria cresce de volume e as aguas vem turvas. D'esta especie pois tem havido abundancia e por preços relativamente commodos.

Mercado de gado.—Tem havido agora mais movimento nos mercados de gado bovino. Nas feiras aparece bastante gado gordo, mas tambem os compradores são em maior quantidade. Os preços é que não sóbem, regulando quasi sempre pelas taxas anteriores.

Aviso.—Chamamos a attenção dos interessados para o seguinte:

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz publico que, em todos os dias não sanctificados, das 9 da manhã ás 3 horas da tarde, e por todo o mez d'abril, estará aberto o cofre para a recepção da 2.ª prestação das contribuições predial e industrial de 1887.

Aveiro 26 de março de 1888.

Estado das barras.—O grande pezo d'aguas do monte tem produzido um excellente effeito na barra d'esta cidade, que está larga e funda como nunca esteve. E dizem-nos da Figueira, de Vianna e d'outros portos maritimos onde as barras são d'areia, que o mesmo effeito se produziu alli—por que as chuvas foram geraes por toda a parte e de grande pezo.

Estragos.—São enormes os estragos que ha em toda a ria, e até no sal que n'ella estava ainda. Eiras onde nunca se esperou que as aguas chegassem, foram cobertas por ellas perdendo-se completamente o genero que n'ellas existia. E não é pequena a quantidade perdida: foram bastantes montes n'um valor relativamente consideravel. A falta do que se perdeu ha de augmentar o preço do que resta.

No paredão da barra tambem ha estragos grandes, pois que as aguas chegaram a sobrepôr-se sobre o leito da estrada, escavando-n'ella com força nunca vista. Um horror!

Em terra ha destroço d'arvores, ha casas derrocadas, muros cahidos—damnos grandes emfim. Não ha exemplo proximo de tão forte e de tão persistente tempestade.

Effeitos do temporal.—O forte temporal da noute de 28 produziu no Porto um enorme panico, principalmente nos moradores das proximidades do rio. A ponte D. Luiz fazia tal ruido, que não houve quem não sentisse todas as consequencias d'um receio felizmente injustificado. Muitos beiraes de telhados foram destruidos, arvores, e até as barracas do caes do peixe foram innundadas por grandes porsões d'agua. Não ha exemplo de cheia tão medonha.

Noticias de Vianna.—O temporal fez destroços e desgraças em toda a parte. São de Vianna as seguintes noticias transmittidas ao *Commercio do Porto* de hoje:

«Ante-hontem, hontem e hoje tem pairado um grande temporal na nossa barra. Um vento forte do sudoéste, desamarrou alguns navios ancorados no porto, chegando-se em alguns a dar signal de alarme. O palhabote grego *Lef-Peristora* e o lugre sueco *Anna* soltaram-se das amarras, não soffrendo prejuizos. O lugre *Anna,* procedente de Philadelphia, com um carregamento de 11:300 caixas de petroleo, esteve pela meia noute de ante-hontem em risco, apesar do vento favoravel que o impellia para o Lima. O patacho francez *Adele Catherine,* faltando-lhe as amarrações, fez-se á véla e foi encalhar na praia da Senhora das Areias, onde se acha esperando o auxilio dos pilotos. O palhabote *Pires 1.°* encostou ao caes da doka e com o auxilio de gente de terra pode reforçar a amarração. Da outra banda, no Cabedello tambem partiram as amarras a dous patachos, um norueguez e outro portuguez, o *Commercio.* O mesmo aconteceu ao lugre inglez *Minnie.* O sr. Eduardo de Souza, digno capitão do porto, é merecedor de todos os encomios pela sua dedicação e pelo seu valioso auxilio. Iguaes honras merecem os pilotos da barra, que se houveram corajosamente. Não ha noticias do hiate portuguez *Pimpão,* que ha dias sahiu de Lisboa para esta cidade, e até hoje nada se sabe.

— A enchente é grande. Uns sete cascos com vinho, pertencente aos commissarios srs. Araujos, que estavam sobre o caes da alfandega, poderam ainda ser rebocados do meio do rio.

— Hontem, cerca das 5 horas da tarde, estando duas crenaças de 5 a 6 annos de idade, brincando junto ao caes da doka, aconteceu que um d'elles, filho do sr. Mascarenhas, capitão de infanteria 3, cahiu ao rio e iria levado pela corrente se não fosse a bem reconhecida coragem e inexcedivel arrojo do cabo do mar d'esta cidade, sr. Benjamim do Espirito Santo, que mais uma vez mostrou que é um corajoso salvador, atirando-se, mesmo vestido, ao rio, e em poucos minutos restituiu á vida aquella innocente creança, que trocava a vida pelo tumulo no meio das maiores afflicções. A creança foi acolhida em casa do sr. José Antonio Loureiro por ser a casa mais proxima e onde lhe foram ministrados, pela bondosa e amavel familia d'aquelle cavalheiro, os soccorros precisos.

— Hoje, pela 1 hora da noute, as torres começaram a dar signal de incendio. A gente corria estremunhada ainda do somno, para os caes onde dizia se manifestára o fogo. Effectivamente era no lugre norueguez «Anna» a bordo do qual as chamas irrompiam. Como lhes noticiei hontem este navio, procedente de New-York, com um carregamento de 11:300 caixas de petroleo, estava ancorado no Cabedello, tendo entrado n'este porto em 24 do corrente. Por effeito do temporal desamarrou e veio encalhar em uma corôa de areia defronte da doka.

Hontem poderam fazer a descarga de 1:000 caixas e a restante carga continua agora (10 horas da manhã) ardendo. A tripulação salvou-se, bem como alguma bagagem de que pôde lançar mão a tempo. O mastreame ás 4 horas da manhã já não existia, e o casco é de suppôr que de tarde, com a força da corrente, se as aguas conseguirem levantal-o, vá ardendo barra fóra. O indendio começou na prôa e ignora-se a causa. O lugre estava seguro. O frete vinha consignado á casa dos srs. C. H. Noble & Murat, d'esta cidade, e, segundo consta, estava seguro em Hamburgo. Diz-se que é o maior incendio a bordo que se tem dado n'este porto. Compareceram as corporações dos bombeiros voluntarios e municipaes, pessoal da alfandega, etc., etc. As bombas estiveram a postos para acudirem no caso de explosão, até ás 6 da manhã. Tem sido enorme a affluencia de povo aos caes a disfructarem o aspecto do navio, d'onde irrompem as fumaradas negras, enormes, que o vento arrasta para a outra banda do rio.

— O incendio do lugre *Anna* ainda não se extinguiu, tendo continuado hoje durante todo o dia. A requisição da auctoridade maritima fora collocada no caes uma peça de artilheria com o fim de abrir rombo no casco, na occasião em que a maré enchesse; mas depois de larga conferencia, resolveu-se não se fazer o rombo projectado para evitar que o petroleo extravasasse e fosse damnificar os outros navios surtos no porto.

Mortes pelo mormo.—Lê-se no *Commercio do Porto:*

Ha dias foram atacados de mormo dous cavallos pertencentes ao alquilador sr. Manuel Tavares Cardoso, residente na rua de Santa Catharina, e dias depois, tambem se sentiu atacado pelo horrivel mal o cocheiro do mesmo Manoel Barbosa da Silva, morador em uma ilha da rua da Constituição. O pobre homem foi immediatamente conduzido a sua casa, onde falleceu antehontem.

Tendo o sr. commissario geral de policia conhecimento do facto, mandou immediatamente tomar providencias sanitarias.

N'esta conformidade, o chefe de policia civil sr. Antonio Ribeiro dos Reis, acompanhado do sub-delegado de saude sr. dr. Henrique Maia, foi a casa do infeliz cocheiro, onde foram tomadas medidas sanitarias, taes como a remoção immediata do cadaver para o cemiterio occidental e lavagens ás pessoas de familia do cocheiro e ás que, por qualquer fórma, tinham estado em contagio com elle.

Na cocheira tambem foram tomadas medidas de desinfecção, sendo mandados matar os dous cavallos atacados pela horrivel molestia, e queimadas as mantas e destruidas as mangedouras dos mesmos.

Ordem do exercito n.° 10.—Decreto declarando nullo o decreto de 16 de novembro do anno proximo passado, que nomeou cirurgião-ajudante do exercito o sr. Antonio da Costa Florido.

Decreto nomeando cirurgiões-ajudantes o bacharel Arthur Eugenio de Almeida e Silva, e o medico-cirurgião pela Eschola Medico-Cirurgica do Porto, Alves Pinto de Oliveira Motta.

Transferencias: Arma de cavallaria—Transferé para cavallaria 3, o capitão de cavallaria 6 Cunha; para cavallaria 6, o tenente de cavallaria 5 Coelho; para cavallaria 8, o cirurgião-mór de infanteria 21, Lemos.

Arma de infanteria—Para o estado-maior de infanteria, o major de infanteria 17 Cascaes; para caçadores 1, o major de caçadores 12 Santos; para caçadores 3, o capitão de infanteria 21 Neves; para caçadores de el-rei, o tenente coronel de caçadores 7; para infanteria 9, o capitão de infanteria 11 Silva; para infanteria 4, o capitão de infanteria 22 Mena; para infanteria 5, [illegible] o tenente de infanteria 21 Saraiva; para infanteria 12, o coronel de infanteria 19 Castello Branco; para infanteria 13, o major de infanteria 22 Louzada; para infanteria 17, o major de caçadores 7 Sequeira; para infanteria 19, o coronel de caçadores 10 Calheiros; para infanteria 20, o coronel de infanteria 12 Guimarães, e o major de infanteria 13 Monteiro; para infanteria 21, o tenente de infanteria 5 Cordeiro; e para infanteria 22, o major de caçadores 11 Coelho.

Reforma o coronel Telles Ferreira, o tenente-coronel Silva Lima, e os coroneis Souza Andrade e Magno da Cunha.

Venda de authographos.—Verificou-se na casa *Drouot,* de Paris, um novo leilão de autographos. Transcrevemos parte da lista dos preços que attingiram alguns d'esses documentos:

«Uma carta do primeiro duque de Guise vendeu-se por 250 francos; uma de Luiz XIV por 250 francos; algumas da duqueza de Berry a 105 francos; uma de Napoleão I, por 101 francos; outra de Victor Manuel, por 120 francos. Um autographo de Gambetta foi vendido por 17 francos, e um de Carnot (pae) por 27.

Em compensação vendeu-se por 3:000 francos uma relação das festas de 14 de julho em Milão, feita por Napoleão I.

As assignaturas dos celebres criminosos Dumollard, Troppman e Pranzini, alcançam uma cotação muito mais alta do que as dos homens notaveis na sciencia e nas artes.

Naufragio.—Por participação da alfandega de Angra do Heroismo, consta que naufragou, encalhando em frente do caes do porto da Praia, na ilha Graciosa, a barca ingleza *Claudia*, procedente de Campanona, na republica argentina, e com destino a Falmouth, com 8:333 saccas de milho.

O casco e apparelho do referido navio foi arrematado, a requerimento do respectivo capitão, pela quantia de 401$000 reis, encontrando-se o carregamento, de que já tinha sido alijada uma parte, durante a viagem, quasi totalmente arruinado.

Um crime.—Os jornaes de Lugo, Hespanha, referem os detalhes d'um horrivel crime commettido ha poucas noites na povoação de Boiro. Trata-se d'um rapaz de 19 annos e de uma rapariga de 22, Joaquim Paz e Joanna Castro, entre os quaes havia relações amorosas.

Estavam os dois fallando á porta d'ella e, sem saber-se o motivo, o rapaz disparou contra a pobre rapariga dois tiros, indo uma bala alojar-se no craneo da infeliz, que morreu poucas horas depois. O assassino fugiu até pequena distancia e suicidou-se com outro tiro.

A RAINHA NO PORTO

Sua Magestade a Rainha a senhora D. Maria Pia vindo ao Porto na presente occasião, em que o luto e as lagrimas são o apanagio da cidade invicta, indo levar a esmola e o conforto do espirito a centenares de infelizes que gemem no leito da dôr ou choram a perda d'entes queridos que lhe eram arrimo praticou um acto sublime, fez o que nenhuma das muitas princezas que se tem sentado no throno portuguez havia feito, tornou-se de anjo de caridade que já era ha muito, em rainha santa, pois é assim que o povo a aclamou quando a viu transpôr as portadas das habitações mais miseraveis e infectas e será assim que a Historia hade inscrever o seu nome, nas paginas do seu livro de bronze. O facto agóra praticado pela nossa santa rainha, pois o grito do povo tem já a consagração unanime de todo o Portugal, è um dos factos mais memoraveis da nossa historia patria, e para que elle fique mais vivo na memoria de todos, vamos transcrever do nosso illustrado collega do *Commercio do Porto* a narração simples mas eloquentissima da piedosa romagem que acaba de fazer S. Magestade. Eil-a:

«Eram 2 horas e meia da tarde de domingo quando S. M. e S. A. sahiram do Palacio de Cristal. Acompanhavam os régios personagens a sr.ª D. Eugenia Niza e os srs. conde de Mossamedes, D. Antonio Paraty, ministro da justiça, conde de Campo Bello, par do reino; Oliveira Martins, deputado por esta cidade; governador civil, presidente da camara, procurador régio, general de divisão Malaquias Lemos e ajudante Sarsfield, commissarios de policia, consul de Italia, etc.

A excelsa princeza, querendo conhecer de perto o infortunio originado pela tragedia que todos conhecem, começou desde aquella hora em diante a sua piedosa romagem por casa das viuvas, dos orphãos, e dos feridos, distribuindo soccorros com mão generosa, affagando as creancinhas, consolando os tristes. Santa missão!

A senhora D. Maria Pia e seu augusto filho dirigiram-se em primeiro lugar á rua de Liceiras n.° 29, a casa do sr. José Augusto de Figueiredo. Este cavalheiro era amigo do ourives Severo de Carvalho, victimado com grande parte de sua familia na catastrophe, e n'essa qualidade, tomou conta de duas creancinhas, uma de 3 e outra de 4 annos, filhas d'aquelle infeliz. S. M. affagou muito uma d'essas creanças, dirigiu algumas palavras á esposa do sr Figueiredo e entregou-lhe, por intermedio do sr. conde de Mossamedes, a fim de provêr ás primeiras necessidades dos pequeninos sêres, a quantia de 45$000. Severo de Carvalho deixou mais dous filhos, um que está em Eixo, em casa de seu padrinho o sr. Manoel Dias de Carvalho Brandão, e outro em casa de uma ama em Pedroso.

Seguidamente os régios personagens dirigiram-se ás seguintes casas:

Rua do Gonçalo Christovam, ilha, n.° 210—D'esta casa succumbiu no desastre a corista Adelaide Emilia de Oliveira, deixando sua mãe, uma pobre velha de 70 annos, e duas irmãs tambem coristas, uma do theatro Principe Real e outra do Baquet. Vivem extremamente pobres, como o denota a miseria do tugurio. S. M. a rainha entregou 45$000 á pobre velha.

Rua do Bomjardim n.° 644, casa ao rez-do-chão, onde habitava o irmão de José da Silva Fontellas, o «Baganha», ourives, o qual pereceu no incendio, bem como sua mulher, deixando uma filha de 11 annos, de nome Elvira de Almeida Fontellas. A excelsa princeza mandou dar para as primeiras necessidades da infeliz creança 27$00 réis.

Viella dos Abraços n.° 5, ilha.—D'esta casa succumbiram Antonio Pereira Peixoto, soldado da guarda municipal, e sua mulher, deixando um filho de 7 mezes de nome Jayme, completamente cego e que está a crear na rua do Bomjardim, ilha do Ameal, bem como a avó d'este, que é criada de servir, vivendo em precarias circumstancias. Recebeu da bondosa princeza réis 26$000.

Rua do Bomjardim n.° 687—D'esta habitação encontraram a morte na catastrophe Theodolinda de Jesus, sogra do actor Firmino; José da Rocha, manipulador de tabacos, e sua mulher, cunhados d'aquelle artista. Escaparam por não terem ido ao theatro na noute da desgraça Manuel da Rocha, de 57 annos, marceneiro, doente, e dois filhos um de 14 annos e outro de 22 annos, aleijados. A casa d'estes desventurados apresenta um aspecto sombrio, humida, infecta e miseravel. Para alliviar de momento tanta penuria, a magnanima esposa de el-rei mandou dar réis 45$000 áquelles desgraçados.

Rua do Bomjardim, ilha do Feijoeiro, casa n.° 30—Falleceu d'aqui Agostinho José de Abreu Guimarães, guarda reformado da alfandega, e porteiro das varandas da 3.ª ordem do theatro Baquet, deixando sua mulher, uma pobre velha de 70 annos, com 4 filhos, um dos quaes no Brazil e outro em Macau. Não tem meios alguns de subsistencia. Quando S. M. e S. A. entraram n'esta casa, as pessoas que n'ella vivem prorromperam em copioso pranto, dizendo a viuva, referindo-se a seu marido:

—Está no reino da gloria, porque era um santo!

A esta familia entregou o sr. conde de Mossamedes, de ordem de S. M. a rainha, a quantia de 27$000.

A um pobre velho de nome Francisco da Fonseca que pediu uma esmola á bondosa princeza, foram dados 4$500.

Na mesma ilha n.ª 34 está bastante ferido no rosto e mãos o corista Antonio Vieira Monteiro Braga, ao qual S. M. confortou com palavras de esperança, mandando dar-lhe 36$000.

Travessa de Germalde—D'esta casa encontrou a morte no incendio José Ribeiro dos Santos, empregado na Companhia A Mutuaria. Sobreviveram lhe sua mulher, de 46 annos, com tres filhos de 15, 11 e 3 annos, e outro de 11 mezes.

As pessoas reaes foram acolhidas com uma explosão de lagrimas da desventurada viuva e filhos.

—Não nos desempare, real senhora, porque será immenso o nosso infortunio de hoje para o futuro—disse a infeliz.

S. M. a rainha, profundamente comovida, prometteu que se lembraria da sua desgraça. Ao retirar-se mandou dar-lhe 45$000.

Rua do Bomjardim n.° 918—D'esta humilde casa desappareceram na hecatombe: o ourives José de Almeida Costa, sua esposa e duas filhas, bem como dous officias da ourivesaria. Deixaram aquelles infelizes uma creança de 11 annos, de quem temporariamente tomou conta o sr. Joaquim Antonio Machado, bem como uma outra de 18 mezes, de quem generosamente tomou conta o sr. André de Castro, e ainda uma outra de 5 mezes, hoje ao cuidado do sr. Joaquim Pinto de Barros, morador na rua do Campo Alegre. Como succumbissem todas as pessoas adultas d'esta familia, as portas da casa das victimas teem sellos, a fim de não poderem ser abertas senão pela authoridade incumbida de fazer o respectivo arrolamento. S. M. a rainha mandou dar para as primeiras necessidades d'estas creanças 27$000.

Rua do Bomjardim n.° 984, ilha do Cabo de Secção—Succumbiu Marianna da Silva, guarda dos *retretes* de 3.ª ordem de camarotes do theatro Baquet. Deixou doente e miseravel Florindo Pinto de Azevedo e quatro filhos de 13, 12, 6 e 2 annos. Recebeu réis 22$500, depois de ouvir palavras de muita consolação que lhe dirigiu a virtuosa princeza.

Quando S. M. a rainha subia a ingreme escada d'esta ilha deixou cair uma das suas pulseiras que lhe foi entregue por Margarida Rosa Damaso Alvadim.

A uma pobre cega moradora n'esta ilha mandou S. M. dar 4$500.

Largo da Fontinha n.° 80—Prostrado n'uma cama vê-se muito queimado o actor Henrique Prata. Está n'uma immobilidade que apavora; o rosto e mãos denegridas e empoladas pelas queimaduras dão-lhe um aspecto doloroso. Perto a actriz Thereza Prata, que nada soffreu, véla pelo marido, confortando-o, animando-o a todo o instante. A senhora D. Maria Pia conversou instantes com aquella artista, dando-lhe esperanças e consolações, e mandou dar-lhe 72$000.

Rua das Carvalheiras n.° 149—Perdeu a vida Antonio Lopes Soares, escrivão de fazenda supplente do bairro oriental, e bem assim uma sua filhinha de nome Carmen, a mesma que por meio de uma manga de salvação foi tirada da varanda exterior do theatro Baquet, do lado da rua de Santo Antonio, sendo-lhe prestados os primeiros soccorros no posto-medico fronteiro ao extincto theatro. Sobreviveu a mãe d'esta creança, a italiana Raphaela, ex-harpista, que vendeu o unico vestido que possuia para fazer o enterro da infeliz filhina. S. M. a rainha, commovida ante a dor d'esta mulher, nova e gentil, só no mundo, mandou entregar-lhe 45$000.

Os régios personagens vieram em seguida pelas ruas do Gonçalo Christovão, Santa Catharina e Formosa, e quando passavam á rua do Sá da Bandeira, em direcção ás ruinas do theatro Baquet, um individuo de quem não nos foi possivel apurar o nome, e que fazia parte de um bando precatorio, dirigiu-se a S. M. a rainha e mostrando-lhe duas graciosas creanças, pediu para ellas a manificencia régia. Expôz que as desventuradas filhas de João Pinto Ribeiro tinham perdido no incendio todas as pessoas da familia, ficando sósinhas no mundo, sem um parente unico, sem ninguem. Impetrava, pois, da incomparavel caridade da augusta princeza um auxilio que salvasse de um futuro sem esperança aquelles dous innocentes. A senhora D. Maria Pia prometteu tomar em consideração o pedido que acabava de lhe ser feito, dando um beijo em cada uma das orphanadas creanças.

S. M. e S. A. entraram nas ruinas do extincto theatro Baquet. As paredes, umas derruidas, outras esburacadas, tudo denegrido e informe sobre o chão irregular e encharcado, todo aquelle aspecto sombrio, emfim, causou funda impressão no espirito dos augustos personagens. O sr. commissario geral de policia apresentou o actor Firmino á rainha, a quem disse ser o beneficiado na noute em que houve o incendio e ter deixado n'aquelle recinto uma filhinha querida.

Depois foi-lhe ainda apresentado o sr. Guilherme Gomes Fernandes, digno inspector dos incendios, que explicou á excelsa princeza como se originára o incendio, a fórma rapida como elle assoberbou todo o edificio, e as scenas lancinantes que alli se produziram.

Ao retirar-se S. M., o sr. Guilherme Gomes Fernandes levantou vivas á rainha e á familia real, enthusiasticamente correspondidos pelos bombeiros voluntarios, que alli se encontravam em grande maioria, e pela multidão que se accumulava nas immediações.

Por ultimo, S. M. e S. A. dirigiu-se a uma casa da rua do Mousinho da Silveira, com entrada pela viella do Anjo n.° 7—Existem aqui Herminio Paulino Cardoso, empregado na Companhia dos Telephones, sua irmã Maria da Silva Cardoso e sua prima Armanda Cardoso, todos horrivelmente queimados no rosto e mãos. Os feridos inspiram um sentimento extremo de dôr; rosto e mãos envolvem-se em uma especie de saccos de linho com pequenas aberturas nos olhos, nariz e bocca. Um terror! Quando os régios personagens entraram sem ser esperados nos aposentos humildes dos feridos, estes desataram em gritos lancinantes e n'um choro copioso. Era uma scena pathetica, commoventissima, a que nenhuma pessoa presente foi insensivel, vendo-se todos os olhos marejados de lagrimas e o sentimento escripto em todos os rostos. S. M. a rainha ficou profundamente impressionada com este triste espectaculo dos tres feridos tão cruelmente queimados. Foram entregues aos feridos 45$000.

Na rua, o povo levantou vivas á rainha e á familia real.

Em todas as ruas muito povo, saudando a senhora D. Maria Pia e seu augusto filho.

Assim terminou esta piedosa romagem em que a excelsa princeza distribuiu com mão prodiga tantos beneficios por tantos infelizes.

*

Na segunda-feira, depois de terminada a sessão da commissão central de soccorros, Sua Magestade a rainha e Sua Alteza o infante D. Affonso, acompanhados do em.mo sr. cardeal D. Americo e seu secretario, bem como das pessoas da sua comitiva e dos srs. ministro da justiça, governador civil, presidente da camara e commissarios de policia, visitou os domicilios das familias das victimas, bem como alguns dos feridos no incendio. No decurso da sua piedosa romagem, o povo accumulado proximo d'essas casas levantou enthusiasticos vivas á caridosa princeza e a toda a sua real familia, a que S. M. agradecia, sorrindo.

Do edificio dos paços do concelho, as pessoas reaes dirigiram-se pelas ruas de D. Pedro, Bomjardim e Fernandes Thomaz, passando em frente do predio do sr. dr. Augusto Manuel Alves da Veiga que, como amigo intimo do finado João Pinto Ferreira, victima na catastrophe, generosamente se prestou a recolher e a mandar educar dois dos seus filhos d'aquelle infeliz, um menino surdo-mudo e uma menina, os mesmos que no dia anterior tinham sido apresentados pelo sr. Manuel Carneiro da Costa Basto, na rua do Sá da Bandeira.

O sr. dr. Alves da Veiga explicou a S. M. a rainha as tristes circumstancias a que aquellas creanças ficaram reduzidas; pela sua parte recolhera-as em sua casa e tencionava mandar a menina para o Collegio das Inglezinhas, a fim de receber a necessaria educação; quanto ao infeliz surdo-mudo, tinha já pensado em mandal-o para um instituto da especialidade existente em Lisboa; por isso que o desventurado orphão, não obstante o infortunio de estar privado da voz e do ouvido, revelava notavel intelligencia, vivacidade extraordinaria. Tinha, porém, a luctar com uma grande contrariedade: os dois irmãos não se queriam separar, porque um affecto mutuo, superiormente intenso, ligava aquellas duas galantes creanças. No amor que se consagravam, irmão e irmã eram um modelo, um exemplo rarissimo. Esperançava-o a ideia de que com o tempo as duas creanças se separariam sem difficuldade e poderiam entrar em collegios; mas emquanto isso não succedesse, elle mesmo os leccionaria.

A esposa do sr. dr. Alves da Veiga informou tambem minuciosamente S. M. com respeito aos orphãos e fez com que o surdo-mudo se entendesse com a irmãsinha. Esta, por monossylados pediu-lhe que pronunciasse a palavre *papá*. O pequenito, comprehendendo-a logo, disse:

— Papá.

E' a unica palavra que pronuncia aquelle desventurado.

A' sahida, os régios personagens foram victoriados pelas pessoas que se accumulavam á porta.

Em seguida dirigiram-se á mesma rua, predio n.° 5, onde habita o sr. Manuel da Costa Basto. Este sympathico e bondoso cavalheiro tomou tambem conta de uma outra creança, filha do mesmo João Pinto Ferreira. O sr. Costa Basto explicou a S. M. a rainha que áquella creança e a seus irmãos pessoa alguma ficára, nem mesmo um parente remoto, e por isso a caridade em ninguem poderia incidir mais beneficentemente do que no orphão que lhe apresentava e nos seus cinco irmãosinhos. Disse mais que o seu protegido era um pouco surdo. S. M. afagou-o. Algumas senhoras da familia do sr. Costa Basto estavam visivelmente commovidas pelo interesse com que S. M. inqueria da sorte da creança.

A inclita princeza e seu augusto filho foram depois a casa do sr. João Carneiro Ferreira de Mello, á rua do Bomfim n.° 187. Existem alli os dous filhinhos mais novos do desgraçado João Pinto Ferreira, caridosamente recolhidos por aquelle cavalheiro que, não obstante estar sobrecarregado com familia, não hesitou em abrigar em sua casa os dous pequeninos seres, provendo assim ás suas primeiras necessidades. Como o fizera o sr. Costa Basto, aquelle cavalheiro chamou a attenção de S. M. para a circumstancia de terem ficado sem parente algum aquelle orphão e seus irmãos. Do outro irmão, o sexto, tomou conta o sr. Joaquim Baptista da Silva Guerra.

Terminadas estas tres visitas, a rainha na sua santa missão de caridade dirigiu-se ás seguintes casas:

Rua das Fontainhas, n.° 209.—N'esta casa existem os telegraphistas João da Purificação Figueiredo e Eduardo de Moura, que perderam esposas e filhos. As photographias de aquellas desventuradas e de seus filhos foram apresentadas a S. M. a rainha, que as esteve examinando attentamente. O sr. João da Purificação pediu a S. M. a graça de influir para ser transferido para Faro, onde existem parentes seus; e o sr. Eduardo de Moura fez igual pedido para Lisboa, onde tem sua mãe. S. M. prometeu interceder e mandou que o sr. conde de Mossamedes entregasse áquelles dous infortunados réis 54$000 réis, metade para cada um.

Quando se descia a escada, Antonio Pereira Pinheiro, um dos porteiros da plateia geral do theatro Baquet, e que ficára levemente ferido no rosto quando se deu o incendio, chamou a attenção de S. M. para a sua desventura, estando velho e impossibilitado de ganhar os meios de subsistencia, visto ter acabado o theatro. A virtuosa rainha mandou entregar-lhe réis 27$000.

Corticeira, ilha dos Tanques, 6.ª casa.—Nada mais miseravel, nem mais triste do que aquella mansarda infecta e humida, voltada para o rio, parecendo mais um buraco destinado a irracionaes do que uma casa feita para séres humanos. Como este tugurio lugubre está mais alto do que a encharcada ladeira que lhe corre na frente, dá-lhe ingresso uma escada vacillante de uns oito degraus, escorregadia e perigosa. S. M. a rainha, animada d'aquelle instincto de caridade que lhe dá proeminente logar no mundo, aventurou-se até ao interior da vivenda sombria. Uma pobre velha chorava a desgraça de lhe ter morrido no incendio seu marido Manuel Baptista, que era varredor do theatro. A bondosa princeza impressionada com tão grande miseria mandou dar 45$000 reis áquella infeliz e 13$500 reis a uma velhinha que vive no mesmo buraco algido.

Nas Fontainhas, onde os carros esperavam, o povo levantou vivas á caritativa esposa do senhor D. Luiz e a seu augusto filho.

Rua do Sol, ilha do Constantino, casa n.° 10—Vive aqui a corista Anna Barbosa, que por occasião do incendio recebeu leves queimaduras no rosto. S. M. a rainha deu-lhe a esmola de reis 27$000.

Rua do Captivo n.° 46-E—Outra mansarda onde se respira a custo e onde a miseria extrema predomina. Uma velhinha, a quem a visinhança chama D. Maria, dá visiveis signaes de loucura depois que deu pela falta demorada de seu filho o typographo Estevão Baptista. Ao vêr S. M. a rainha, prostrou-se de joelhos e disse:

—Sois bemdita, porque sabeis cumprir com a santa missão de caridade. Mas, tenho procurado o meu filho por toda a parte; na rua pergunto a toda a gente se o viram, e ninguem sabe onde está. Encontro-me miseravel n'esta agua-furtada, sem ninguem que me soccorra.

E muito admirada:

—E a rainha n'esta casa tão pobre!

Enxergando s. em.ª o sr. D. Americo, exclamou:

—Ai, o sr. cardeal!

E ajoelhando-se beijou-lhe a mão. Depois fez o mesmo ao infante D. Affonso, a quem reconheceu, tendo-o fitado insistentemente. Ainda era dia, mas d'entro da choupana não se via nada. Um homem alumiava a ingreme e estreita escada com uma vella a que servia de castiçal uma botija.

O sr. conde de Mossamedes, depois de ter conversado com a senhora D. Maria Pia, disse á infeliz velha que S. M. lhe mandaria no dia seguinte uma esmola para as suas despezas.

A uma mulhersinha, de nome Bernarda Maria da Silva, que nas escadas d'esta casa pedira uma esmola á rainha foi-lhe entregue 4$500.

Rua do Almada n.° 435. D'esta casa falleceram Marcellina de Jesus e sua filha, deixando seu marido o alfaiate Antonio da Rocha e uma filhinha de 4 mezes, ainda por baptisar, que foi salva pelo official d'aquelle, Manuel Pereira, o qual teve a energia de a arremessar da varanda do theatro á rua, sendo aparada por uns individuos, nada soffrendo. S. M. a rainha, informada do succedido, affagou a creancinha, promettendo ser sua madrinha quando chegasse a occasião de a baptisar, deu 27$000 ao srs Antonio da Rocha, que vive muito pobremente e premiou com 13$000 a humanin lade de Manuel Pereira, salvando a filhinha de seu patrão. A sahida deu 2$000 a Anna Ferreira da Silva de S. Mamede, que lhe pedira uma esmola.

Rua das Taypas n.° 53, 4.° andar D'esta casa perdeu a vida no incendio Miguel Joaquim Teixeira, deixando viuva Emilia Rosa de Jesus Teixeira e tres filhos de monoridade. S. M. mandou que o sr. conde de Mossamedes désse a esta familia 45$000.

Campo dos Martyres da Patria n.° 63—N'esta casa foi recolhido por caridade Abelardo Rodrignes, aprendiz de relojoeiro, filho de Abelarda Rodrigues, costureira do theatro Baquet, que pareceu no sinistro. Recebeu reis, 22$000.

Rua do Palicio de Christal—N'uma cama existe horrivelmente desfigurado e cego, Adriano Lopes, que alli possue uma casa de hospedes, bem como sua mulher, que soffreu leves quimaduras no rosto. S. M. inquiriu do estado do pobre homem e dispensou palavras de consolação á mulher d'aquelle desventurado. D'esta casa ficaram mortos uma filhinha de 5 mezes, uma criada e um estudante. S. M. mandou dar a esmola de 45$000.

Terminou aqui esta dolorosa mas consoladora romagem de caridade, recolhendo as pessoas reaes ao paço cerca das 7 horas da tarde.

Em varios pontos foi S. M. a rainha muito saudada pelo povo. A quem lhe pedia esmola dava-a immediatamente. Os requerimentos de gente pobre a impetrar esmolas, entregues durante o trageto, contam-se por alguns centeares.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 27 de março

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1/2 horas da tarde.

Presentes 19 dignos pares.

Acta approvada.

Foi lido na meza um decreto prorogando as côrtes até ao dia 2 de maio.

Por proposta do sr. presidente, foi nomeada uma deputação para ir esperar S. M. a rainha, lançando-se na acta um voto de congratulação.

Varios dignos pares instaram pela remessa de diversos documentos que já haviam reclamado.

O sr. conde da Folgosa chamou a attenção do governo para as condições de segurança dos theatros de Lisboa, principalmente o de S. Carlos.

O sr. ministro das obras publicas disse que já havia mandado elaborar um projecto sobre os melhoramentos a introduzir nos theatros de S. Carlos e de D. Maria, para depois apresentar uma proposta de lei.

O sr. Silva Amado fez notar as pessimas condições dos hospitaes de Lisboa, especialmente o de Rilhafolles.

O sr. ministro das obras publicas disse que o hospital de Rilhafolles precisava de ser completamente construido de novo.

ORDEM DO DIA

Para a ordem do dia estava destinada a interpellação sobre o caminho de ferro do Algarve, mas o sr. Coelho de Carvalho, pelo adiantado da hora, propoz o adiamento d'essa discussão.

O sr. Moreira de Rei disse que a camara estava trabalhando muito pouco, quando era urgente que se resolvesse a questão agricola.

A camara aprovou o adiamento da discussão.

O sr. presidente encerrou depois a sessão.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 26 de março

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde.

Presentes 72 srs. deputados.

Acta aprovada.

O sr. presidente propoz que uma grande deputação fosse esperar S. M. e lhe agradecesse o interesse que tem mostrado pelas familias das victimas do horrivel sinistro do theatro Baquet.

Foi approvado, sendo nomeada a deputação.

O sr. Francisco José Machado mandou para a mesa uma representação da Associação Artistica Vimaranense, pedindo o prolonlamento do caminho de ferro de Guimaraes a Chaves.

Tendo adoecido o sr João Arroio, não pôde tratar da questão do fornecimento de panos para as fardas da guarda fiscal, havendo apenas troca de explicações entre os srs Avelar Machado e ministro da fazenda.

O sr. Serpa Pinto estranhou que o sr. ministro da guerra não viesse ainda á camara defender-se da accusação que lhe tem sido feita, relativamente á linha de Cascaes.

ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei n.° 23

O sr. Julio de Vilhena propoz o addiamento da discussão do projecto para depois das ferias.

Depois de terem usado da palavra sobre esta proposta muitos deputados foi a mesma rejeitada em votação nominal.

O sr. Franco Castello Branco propoz que houvesse discussão sobre o projecto, na generalidade e na especialidade.

O sr. Augusto Fuschini propoz, como termo medio, que houvesse discussão geral sobre o projecto.

O sr. Vicente Monteiro, relator, declarou entender que a proposta do sr. Franco Castello Branco devia ficar em discussão, conjuntamente com o projecto.

O sr. Consiglieri Pedroso impugnou esta opinião.

O sr. ministro da marinha apresentou uma proposta de lei mantendo o contrato da navegação para a Africa.

O sr. presidente nomeou uma commissão especial para dar parecer sobre o projecto das incompatibilidades apresentado pelo sr. Cerdeiro e declarou que a sesssão ámanhã começa á 1 hora da tarde, terminando ás 5.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 26

Varios despachos judiciaes.

Decreto fixando as horas de serviço para as operações a cargo das agencias do Banco de Portugal nas differentes capitaes dos districtos.

Relação dos cultivadores que requereram a cultura do tabaco na provincia do Douro para 1888.

Diario de 27

Decreto approvando um novo plano de uniformes para o corpo de policia fiscal.

Portaria louvando o pessoal das repartições telegraphicas de Lisboa e Porto, pelo bom serviço que prestaram por occasião do incendio do theatro Baquet, do Porto.

Representação do congresso agricola, expondo o estado da agricultura portugueza.

Diario de 28

Portaria approvando o projecto do orçamento para o alargamento do ramal da estrada real do Cartaxo a Rio Maior.

---

7 **Fernando de Vilhena**

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

CAPITULO IV

Classificação Moreau

TRIBU

Malacopterigii abdominales

1.ª *familia*—Cyprinidae.
Sub-familia A—Cyprimini.
1.° *genero*—Cyprinus.
Sub-genero A—Cyprinus.
Sub-genero B—Carassius.
2.° *genero*—Barbus.
3.° » —Tinca.
4.° » —Gobio.
Sub-familia B—Leuciscini.
1.° *genero*—Rhodeus.
2.° » —Phoxinus.
3.° » —Aãramis.
4.° » —Alburnus.
5.° » —Scardiuius.
6.° » —Lenciscus.
7.° » —Idus.
8.° » —squalius.
Sub-familia C—Chondrostomini.
1.° *genero*—Chondrostoma.
2.ª *familia*—Cobitidae.
1.° *genero*—Cobitis.
3.ª *familia*—Siluridae.
1.° *genero*—Silurus.
4.ª *familia*—Cludeidae.
1.° *genero*—Clupea.
2.° » —Meletta.
3.° » —Harengula.
4.° » —Sardinella.
5.° » —Alosa.
6.° » —Engraulis.
5.ª *familia*—Alepocephalidae.
1.° *genero*—Alepocephalus.
6.ª *familia*—Esocidae.
1.° *genero*—Esox.
7.ª *familia*—Exocœtidae.
Sub-familia A—Belonini.
1.° *genero*—Belone.
2.° » —Scombresox.
Sub-familia B—Exocœtini.
1.° *genero*—Exocœtus.
8.ª *familia*—Stomiatidœ.
1.° *genero*—Stomias.
9.ª *familia*—Scopelidœ.
Sub-familia A—Chauliodontini.
1.° *genero*—Chauliodus.
2.° » —Odontostomus.
Sub-familia B—Sternoptygini.
1.° *genero*—Argyropelecus.
Sub-familia C—Scopelini.
1.° *genero*—Scopelus.
2.° » Maurolicus.
3.° » Saurus.
4.° » Aulopus.
Sub-familia D—Paralepidini.
1.° *genero*—Paralepis.
10.ª *familia*—Salmonidae.
1.° *genero*—Salmo.
Sub-genero A—Salmo.
Sub-genero B—Trulta.
2.° *genero*—Osmerus.
3.° » —Thymallus.
4.° » —Coregonus.
5.° » —Argentina.
6.° » —Microstoma.

ORDEM

Apodes

1.ª *familia*—Anguillidae.
1.° *genero*—Anguilla.
2.° » Conger.
2.ª *familia*—Myridae.
1.° *genero*—Myrus.
3.ª *familia*—Muraenidae.
1.° *genero*—Muraena.
2.° » —Nettastoma.
4.ª *familia*—Ophisuridae.
1.° *genero*—Ophisurus.
5.ª *familia*—Sphagebranchidae.
1.° *genero*—Sphagebranchus.

SUB-CLASSE SEGUNDA

Marsipobranchii

ORDEM

Cyclostomi

SUB-ORDEM

Petromizones

1.ª *familia*—Petromizonidae.
1.° *genero*—Petromyzon.

SUB-CLASSE TERCEIRA

Pharyngobranchii

ORDEM

Amphioxi

1.ª *familia*—Branchiostomidae.
1.° *genero*—Branchiostoma.

CAPITULO V

Caracteres particulares

Um dos caracteristicos particulares do peixe é sem duvida a cobertura externa do corpo. Umas especies apresentam-se defendidas por placas osseas e esteriadas, mais ou menos resistentes, a que se dá o nome de escamas, e cuja superficie se acha coberta pela exhudação de uma humidade viscosa e gorda, segregada por orgãos especiaes. Esta viscosidade isola o animal no seu meio ambiente, facilita-lhe os movimentos e permitte-lhe não perder o calor do corpo ao contacto permanente com a temperatura mais ou menos fria da agua. Logo que o peixe morre, esta humidade solidifica-se, torna-se opaca e indissoluvel á influencia da agua.

Os orgãos especiaes, a que acima nos referimos, são constituidos por uma série de póros dispostos paralellamente de cada um dos lados dos flancos, que descem da cabeça até á cauda do peixe, e a que vulgarmente se dá o nome de *linha lateral*. Estes póros, ordinariamente em fórma tubular, nascem de um tronco unico, e cercam o röstrum de uma complicada rede de vasos, que communicam com o exterior. A linha lateral é, portanto, o resultado da formação successiva dos tubos salientes, que atravessam, uma por uma, todas as escamas.

A côr, o numero, a saliencia e o diametro dos póros, variam conforme as tribus, as familias e os generos.

As escamas, verdadeiras producções cutaneas estão ligadas ao corpo do peixe por umas capsulas que lhes envolvem a parte inferior e que são constituidas por uma tunica muito delgada, que não é mais do que um tenuissimo prolongamento da pelle. Cada uma d'essas placas é atravessada por um tubo capillar, perfeitamente accessivel á agua, com a qual está em permanente communicação.

Este phenomeno, indicio seguro da respiração cutanea, attesta a importancia physiologica das escamas no organismo do peixe.

As escamas pódem julgar-se, pela sua composição chimica, muito similhantes, na organisação, aos ossos de algumas especies de peixes. Assim, esta producção cutanea, suppõe-se geralmente constituida pelos seguintes elementos:

Materia azotada	54,12
Materias gordas e oleina	0,60
Clorureto de sodium	—
Sub-carbonato de soda	00,86
Sulphato de soda	00,00
Sub-carbonato de cal	4,87
Fhosphato de cal	38,75
Phosphato de magnesia	0,80

Muitas especies mostram, em cada um dos lados do corpo, uma linha de escamas salientes, disposta em sentido paralello á linha de fluctuação, que servem de parede a um vaso cylindrico, onde funcciona um apparelho servido por uma especie de glandula, que estabelece a evacuação constante das viscosidades espalhadas na parte exterior do corpo. Na sardinha, e em geral em todos os peixes, que não attingem um grande desenvolvimento physico, este apparelho reside propriamente na pelle.

Em alguns casos as escamas do peixe soffrem modificações com a edade, conhecendo-se a approximação d'este phenomeno, pela perda immediata do seu esmalte natural. Assim, n'um determinado periodo, as escamas vão cahindo lentamente uma a uma, deixando em seu logar uma nova lamina brilhantissima, que vae crescendo e occupando o logar da que havia desapparecido.

As escames do peixe vão crescendo em relação com a sua edade e pela justaposição de camadas que augmentam progressivamente de volume. Póde, porém, dar-se o caso de cahir alguma d'estas placas osseas ou de não ficar perfeitamente justaposta por qualquer circumstancia occasional.

Muitas vezes succede até que já depois de chegar á edade adulta, as escamas do peixe se destacam e como que se encarquilham, apresentando um aspecto extranho. Este facto constitue um grave perigo para a existencia do animal, perigo que só raras vezes e em casos muito excepcionaes poderá conjurar-se completamente. E' preciso, primeiro que tudo, que as agoas, onde o peixe vive, tenham uma corrente limpida e viva, e sejam sufficientemente oxigenadas para que a chaga, aberta pela falta de escama, chegue a cicatrisar completamente.

PAGINA LITTERARIA

ALLELUIA! ALLELUIA!

Triumphou da morte, o Filho de Deus; Jesus, o auctor da vida, quebrou as cadeias que o acorrentavam ao tumulo, e resuscitou para cumprir as predicções dos prophetas.

Alleluia!

A resurreição gloriosa de Jesus symbolisa a resurreição da humanidade; do tumulo para onde o paganismo a arremessara, ella ergueu-se, magestosa e triumphante, por sobre as ruinas d'uma civilisação condemnada. A' palavra prestigiosa de Jesus, á influencia da sua moral santissima, aos influxos generosos da sua doutrina divina, a humanidade ergueu-se no pedestal dos seus direitos, e ousando pela primeira vez encarar os seus tyrannos, poude dizer-lhes com um accento solemne:

— Acabou o imperio do mais forte, porque Jesus Christo fundou o reinado do amor sobre as bases da liberdade, da egualdade, da fraternidade; não mais haverá distincções, porque Jesus disse que todos eram irmãos; findou o vosso dominio, ó Cezares altivos e orgulhosos; descei do vosso throno de ouro, quebrae os vossos sceptros autoritarios, descingi a purpura que vos pende dos hombros, que Christo proclamou a era da liberdade universal...

E o escravo ergueu-se do chão da miseria, para levantar a cabeça sempre acurvada para a terra; e a mulher aconchegou ao seio o filhinho do seu amor, por que estava santificado o lar domestico; e cahiram por terra idolos, tyrannos, verdugos, e em toda a terra se ouviu o echo d'esta palavra—liberdade—, que foi o *fiat* creador das modernas civilisações, o poder sublime que fez de repente mudar a face de todas as coisas.

Alleluia!

A resurreição triumphante de Jesus é o alvorecer da humanidade, é o resurgir luminoso do individuo acorrentado aos postes da ignorancia, sempre sob o chicote dos oppressores, sem vontade nem direitos, miserrimamente sujeito a todas as tyrannias e a todos os insultos, chumbado á terra para o trabalho, avergado sob o poder do mais forte, que por toda a parte imperava. A resurreição de Jesus é o renascimento da humanidade abatida, espesinhada, desesperada, encerrada em escura masmorra, onde não entrava uma restea de sol amigo, que fosse como que um beijo de amor ou uma caricia consoladora; é o triumpho do homem sobra a tyrannia do paganismo; é, emfim, a data da emancipação humana, e periodo inicial d'uma nova existencia, illuminada pelo sol do amor, sol que despontou nas cumiadas do Calvario para encher de luz os horisontes do futuro e guiar o homem nos caminhos da civilisação.

Alleluia!

Exulta, humanidade, porque venceste; rejubila, por que triumphaste de todas as oppressões e de todos os oppressores, ascendendo á luz que a tyrannia teimava em não conceder-te! Ergue bem alto a tua cabeça, fita os olhos nos céos amplissimos e luminosos, desopprime-te do peso de tantos seculos de agonias, e caminha, avança, que é immensa a estrada que se rasga deante de ti! Caminha sempre, confiado na tua força e no teu prestigio, que te pertence a conquista do futuro, e tens a obrigação indeclinavel de luctar pela immediata execução das leis que Jesus te outhorgou, leis que te arrancaram dos ferreos braços dos tyrannos e te fizeram ascender ás espheras da liberdade, a liberdade que era o sonho intenso de tantos milhões de homens cujas carnes o chicote do senhor implacavelmente retalhava.

Alleluia!

Senhor, Senhor! São decorridos 19 seculos depois da tua morte, e os que mais rigoroso dever tinham de cumprir as tuas determinações, retrocederam aos tempos nefastos da velha tyrannia romana.

Esqueceram-se de que tu, Senhor, fundaste o imperio do amor e da caridade, e tripudiam nos seus thronos dourados, e convertem o sceptro em massas de oppressão. A tua doutrina, Senhor, santa, sublime, divina, é despresada pelos que se dizem teus representantes, desde os Papas ao imperadores...

Senhor, Senhor, a tua obra gigante está sendo amesquinhada e insultada! Se não acodes com o prestigio do teu poder, quem sabe se volveremos aos tempos odiosos da tyrania pagã!

Não ouves, Senhor, os gritos lancinantes de homens que baldadamente pedem liberdade?... São os escravos da Russia, os infelizes esmagados sob o terrivel *knout* que lhes retalha as carnes e lhes despedaça os ossos; são os desventurados filhos do povo esmagados pela tyrania de um autrocata impiedoso que quer conservar, intemeratas, as tradições de um despotismo secular, como se não fosse tão alta a honra da civilisação.

São os tristes opprimidos que pedem liberdade, que pedem fraternidade, que pedem luz, e que, em troca d'esses pedidos que representam a ligitima aspiração dos espiritos que vivem sob a influencia do christianismo, encontram o azorrague e o carcere...

Ouves, Senhor, gemer?... São os desventurados da Irlanda, sem presente nem futuro, sem esperança nem conforto. Como os antigos escravos, accorrentados á terra, elles vivem para sustentar os outros, desprezados, escarnecidos, vilipendiados...

Acode-lhes, Senhor, que a tua doutrina banin todas as oppressões, e deu a liberdade a todo o mundo; auxilia-os, que a tortura d'esses infelizes é tal, que póde uma onda de sangue passar por sobre essa raça de autocratas e despotas, como succedeu nos formosos dias de 93, a obra mais gigantesca depois da que tu, Senhor, realisaste...

Parte esses sceptros oppressores, despedassa essas purpuras ensanguentadas, em nome da lei que tu nos legaste, por que o sol da civilisação brilha nos ceus azues de todos os povos, sem nuvens que o maculem e empanem.

*

Alleluia! Alleluia!

Abrimos este parenthesis porque ainda vivem e medram tyrannyas, em pleno seculo 19.°, o filho dilecto da historia e o mais querido de Deus.

Quando as sciencias, as artes, as industrias, progridem e avançam, ainda existe a guilhotina, o *knout*, a escravidão; o espirito humano, esclarecido e redimido, caminha acceleradamente, ora devassando ao centro da terra e ao fundo dos mares; o homem, robustecido pelo livre pensamento, estuda, sonda, indaga, aperfeiçoa, inventa, corrige, modifica, prepara, cultiva, produz, augmenta, consolida, melhora, e quando nos dominios das sciencias se operam revoluções verdadeiramente espantosas, milhões de homens gemem e choram, porque não téem o direito de pedir e de queixar-se!

E' monstruoso isto!

A obra de Christo precisa de ser comprehendida e executada. E ai do que a despresar e a desvirtuar, que a indignação popular é como a vaga que tudo alaga e destroe!

*

Alleluia!

Repiquem festivamente os sinos, vistam-se de galas os templos, resoem pelas naves os hymnos sacros e as symphonias festivas, junquem-se de flores os pavimentos dos sanctuarios, queime-se o incenso da adoração, exultem as almas, felicitem-se os povos christãos! Jesus resuscitou, e com elle a humanidade resuscitou tambem.

E' de festas e de esperança o dia de hoje.

Alleluia! Alleluia!

Porto—1885.

Firmino Pereira.

SCHILLER

Quer como poeta, historiador ou philosopho, Schiller em todos os generos de litteratura que tratou, chegou tão alto como seus mais illustres rivaes, e até onde é dado ao homem subir. Façamos, pois, por o seguir n'esta triplice carreira, por elle tentada e proseguida sem outro auxilio mais que o seu raro engenho.

Schiller, a quem a diabolica mania de fazer versos atormentára desde os seus primeiros annos, quando chegou aos vinte e cinco deu á luz a sua primeira producção, que intitulou—*Rouber*, (os Salteadores) drama, a que, em attenção á originalidade de concepção, se lhe perdoam todos os defeitos e imperfeições. N'esta peça quiz Schiller representar seus proprios amigos, e a si mesmo se pintou na personagem de Carlos Moor, aquem revestiu d'este caracter nobre, generoso e verdadeiramente heroico, de que o auctor se julgava dotado. Aos *Salteadores* se seguiu bem depressa *A Conjuração de Fiesgue*, que Schiller tinha começado quando estava preso em Stuttgard, e a comedia intitulada *A Cabala e o Amor*. Estas tres peças, em que já se divisava mão de mestre, collocaram Schiller a par dos melhores poetas tragicos da Allemanha. Todavia, Schiller, arrastado por sua imaginação fogosa, e levado de cega admiração que tinha por Shakerpear, havia até então procurado com mais empenho commover com violencia, do que por meio da arte: em seus caracteres havia mais poesia que verdade; as suas peças eram um amalgame de factos inverosimeis e extravagantes, amontoados sem ordem ou nexo, e sómente de quando em quando é que algumas situações patheticas, tiradas da Natureza, vinham fazer descobrir um genio raro. O seu estylo, para condizer com o mais, umas vezes era inergico e persuasivo, mas quasi sempre empollado e desigual. Emfim, appareceu *D. Carlos*: o poeta chamou esta vez a razão em soccorro de sua imaginação; e, encerrando-se dentro de sabios limites, resolveu-se a dizer ao seu genio como Deus ao mar: «Tu não irás mais longe.» Comtudo Shakespear não ficou de fóra, e Schiller d'hora em diante queria mostrar-se seu emulo, sem perder nada de seu natural. Plano, intriga, caracteres, dialogo, emfim tudo contribue para fazer d'esta tragedia uma verdadeira obra prima no seu genero. Que scenas! que pensamentos! que estylo! Filippe, a Rainha, o duque d'Alva e D. Carlos são pintados com tal natureza, vigor e naturalidade, que dão a esta peça o maior realce e a fazem em extremo interessante. E *Maria Stuart!* Usou jámais o remorso de uma linguagem mais pathetica? Como se chora a sua sorte, e quanto gostamos nós que o poeta tenha sabido, com tanta arte, alcançar para ella o nosso perdão! E que diremos de *Wallenstein?* Aqui descobriu o poeta em nossos corações uma nova corda, que elle não deixa ociosa: tudo nos attrae, nos commove e nos arrebata. Cada passo de *Wallenstein* lhe acarreta a sua ruina e nos faz tremer de compaixão por elle; e quando o vemos marchar para o sacrificio, choramos como se acompanhassemos o funeral do mais intimo e querido amigo. Disse que *Wallenstein* não é proprio para heroe d'uma tragedia; mas não é este o logar para examinar se esta opinião é bem ou mal fundada.

Guilherme Tell é um drama historico escripto segundo o gosto de Shakespeare: o genio do tragico inglez quadra perfeitamente n'esta peça com o de Schiller. *A Donzella de Orleans*, e a *Desposada de Messina* acabaram de corôar a bella reputação dramatica do nosso poeta. *Os litteratos de todas as nações*, as *Cartas philosophicas de Julio a Raphael*, a *Historia da independencia dos Paizes-Baixos*, a das *Revoluções e Conjurações da idade media*, e *dos tempos modernos*, a *Historia da guerra dos Trinta Annos*, o *Visionario*, historia engenhosa e satyrica dos desvarios e erros do espirito humano, o *Imperio das Sombras, ou o ideal e real*, a *Caxta sobre a educação esthatica do homem*, a *Dissertação sobre a poesia simples e sentimental*, e uma multidão de escriptos, de que a Allemanha com justa razão se ufana.

Entre o grande numero de poemas de Schiller, ha um em que o auctr personalisa a poesia. Este poema, que não abrange mais de seis estrofes, tem por titulo a *Joven Estrangeira*. Um dia, e era na estação do anno em que a primavera vem animar a Natureza, a Donzela (a Poesia) veio visitar os pastores nos seus modestos e pacificos alvergues, e ao avistal-a todos experimentam uma sensação que não pódem explicar. Quem será? d'onde vem? para onde vae? perguntam elles, e ninguem ha que o saiba. Comtudo, a *desconhecida*, por seu andar, linagem, e mais qualidades, parecia ser habitante do Céo; e como vem do mundo das ideis, tudo que d'ella traz é pobre e bello como ella: flores immurchaveis, e passatempos encantadores é que ella destina á mocidade, e sobre tudo ao amor, porque o amor é a poesia da vida; e á idade madura meditações serias e nobres, e elevados pensamentos. Esta personagem torna a apparecer mais outra vez; mas sob outra fórma, no poema intitulado a *Partilha da Terra*. Tomai esta terra, diz Jupiter aos mortaes, tomai-a que eu vol-a dou com a condição que a haveis de dividir irmãmente; e eis que os homens immediatamente se dispersam: tanto moços como velhos, todos se occupam em arranjar um estabelecimento para o futuro: estes tomam posse dos prados, aquelles dos bosques e florestas. O nobre fica com as tapadas e palacios, o mercador enche os seus armazens, celleiros e adegas, o abbade escolhe as melhores vinhas, e o rei faz cercar as povoações, cortar as pontes e cancellar as estradas, dizendo: «o dizimo de tudo isto me pertence.» Quando todos já tinham tomado posse do que lhes convinha, chegou o poeta, que vinha de regiões desconhecidas aos outros mortaes. Elle tambem desejaria ter o seu quinhão: mas ah! até as cousas mais ridiculas e insignificantes tinham já dono. Infeliz! clamou elle; pois que! só eu é que fiquei esquecido! Não sou eu já, ó Jupiter, o teu filho mais querido? O lastimoso som de suas queixas e lamentos resoou em todos os valles, bosques e outeiros, e a sua desesperação o fez arrojar aos pés de Jupiter.—Onde estavas tu, lhe diz o deus, emquanto teus irmãos partilhavam entre si a terra? Estava em tua celeste mansão; meus olhos te contemplavam, e meus ouvidos, arrebatados com teus divinos concertos, não se cançavam de te escutar. Como poderia eu, em presença de tua gloria e magestade, cuidar no que se passava n'este mundo? Que poderei eu agora fazer, ó meu filho? A terra já não me pertence; mas escuta: fica comigo no Céo, e esta será d'hoje em diante a tua patria. Poder-se-ha dar uma ideia mais perfeita da dignidade da poesia, ou fazer comprehender melhor a nobre e santa missão do poeta? Que encantos reinam em toda esta peça! Nada mais delicado do que este contraste entre os interesses materiaes, e as necessidade do espirito, entre a materia e a intelligencia. Não nos podemos tambem cançar ao ler a *Poesia da Vida, as Queixas de Ceres, as Festas d'Eleusis, o Genio e Esperança*. Não é possivel citar em um pequeno artigo todas as producções do nosso auctor; mas seja permittido ao menos commemorar tambem a *Dignidade das Mulheres, o Combate com o Dragão, os Grous do Ibico, o Caminho da Fornalha, o Mergulhador, a Fiança, o Tolggemburg, Hero e Leandro, o Infantecidio*, e emfim o *Sino*, poema tão cheio de originalidade e philosophia.

Mas fallemos um pouco do homem, que escreveu tudo isto; pois na sua vida ha particularidades, que não podem deixar de interessar nossos leitores.

Schiller era natural de Wurtemberg, ou, como se diz na Allemanha, era Schwabe. Segundo um antigo rifão, o Schwabe não chega a desenvolver-se senão aos quarenta annos: isto será possivel; mas é mister confessar que quando o chegar a ser, é superior a qualquer individuo de outra nação. Em geral, o Schwaba tem pouca finura, e contenta-se com ser simples e bom; mas quando emprehende qualquer cousa, podemos estar certos que ella ha-de sair perfeita. Schiller dirá se temos ou não razão.

Foi em Stuttgard que Schiller se deu a conhecer pela primeira vez como auctor, e foi alli mesmo que se lhe erigiu uma estatua, que se acha collocada no parque de Herrengaaden, quasi debaixo das janellas do palacio do rei.

Schiller nada devia á formosura: era de boa estatura, mas tinha as pernas muito finas, e os braços tão descarnados, que mais pareciam dois palitos. Como sempre andasse com umas calças muito justas, e com polainas forradas de pello grosso, parecia que as barrigas das pernas eram duas vezes mais grossas que as côxas. O pescoço era de desmedida altura; e emquanto ás feições do rosto, eis aqui o retrato, que d'elle nos deixaram seus contemporaneos: cabello de um ruivo avermelhado muito vivo, que atava em fórma de trança; nariz aquilino; sobrancelhas ruivas, e tão contiguas que formavam uma só; olhos pardos, rodeados de palpebras, pisadas pelo trabalho; o beiço inferior algum tanto grosso, como em toda a familia ds Hapsbourg; barba aguçada; faces encovadas, e a côr pallida. A isto reunia demais a mais uma voz aspera e esganiçada, e um accento que logo o dava a conhecer por natural de Wurtemberg. Foi por isso que Schiller foi muito mal succedido quando foi ler a sua peça de *Fiesgue* perante os actores do theatro ds Manheim, apesar de ser esta a obra em que elle fundava todas as suas esperanças como poeta; pois os actores, como geralmente acontece, ficaram logo prevenidos contra o auctor em razão do seu ingrato exterior, e este sentimento subiu de ponto quando o ouviram fallar. N'uma palavra, apenas prestaram, ou antes fingiram prestar attenção ás primeiras scenas, e logo se foram retirando uns atraz dos outros, dizendo, que era bem má peça, e absolutamente indigna do auctor dos *Rauber*.

Isto é apenas uma fraca amostra dos obstaculos de todo o genero, que Schiller teve que vencer. Era feio, tinha maneiras muito vulgares, e vestia-se muito mal; quando é isto que o vulgo só vê, e o que lhe importa; porque emquanto ao nobre coração, que palpitava debaixo do grosseiro vestuario, e a alma vigorosa e sensivel, que animava o debil corpo, sobre isso fecha elle os olhos, e assim o poeta continuou a ficar desconhecido.

Obrigado na sua mocidade a applicar-se á medicina, cedo se desgostou d'este estudo e largou Hippocrates e Galeno, para escrever os *Rauber;* e desde esse momento nada viu, que lhe parecesse superior a um poeta dramatico. Este drama, que foi impresso em muito mau papel, teve pouca extracção.

Tendo-se Schiller uma noite retirado para o seu modesto aposento, e estando a pensar na sua actual situação, de que nada lhe parecia podel-o tirar, viu entrar o seu amigo Schafferstein. Tendo esta visita espalhado um pouco sua melancolia, resolveram os dois amigos cear juntos, e regalar-se á vontade; e emquanto Schiller preparava um grande prato de salada de batatas, Schafferstein vae correndo a comprar uns salchichões. Emquanto os nossos dois amigos, que talvez ha muito não tivessem um banquete tão esplendido, alegremente se entretinham como os dois ratos de Homero, eis que pára á porta um brilhante trem, e bem depressa veem entrar um estrangeiro ricamente vestido, que diz vem comprimentar o auctor dos *Rauber*. Era Leuchsenring, que vinha mandado por Warnhagen, e que tantos serviços prestou depois ao nosso poeta.

Schiller tinha sempre tido uma saude muito delicada: as fadigas, que passou em Berlim para dirigir as repetições, e representação de *Guilherme Tell*, a deterioraram mais; e quando d'alli partiu vinha fraco e doente. Pareceu restabelecer-se pelos cuidados que lhe prodigalisaram sua mulher e amigos; mas tendo pouco depois um typho porfioso, deu o seu ultimo alento a 9 de maio de 1805, tendo apenas quarenta e cinco annos de idade.

TOULON EM 1837

A cidade de Toulon (Telo Martius) na Provença, situada no Mediterraneo aos 23°, 36', 35" de longitude, e aos 43°, 7', 24" de latitude, é bem construida, tem muitas praças embellezadas por fontes ou chafarizes, de onde rebentam frescas aguas puras, abundantes, e mui necessarias no verão para a limpeza das ruas, ou para corrigir o effeito dos grandes calores. Além d'isto é atravessada por uma grande rua plantada de arvores. Sua cathedral, de pouca apparencia, foi em outro tempo a torre dos Phrias, cuja existencia se faz remontar até á dos fundadores de Marselha.

Toulon possue só um monumento de esculptura, que merece ser citado: é este o de duas pilastras representando figuras de mulher collossaes, que servem a supportar a varanda da casa da camara: sahiram do sinzel de Phidias Marselhez, do celebre *Pujet*. Antes de ir ao arsenal se encontra a vasta praça, denominada *Champ de Bataille*, circulada de frondosos platanos: este recintho foi o theatro das atrocidades, que seguiram a retomada de Toulon sobre os inglezes. Cada dia o sangue dos Toulonezes innundava o solo, que os havia visto nascer.

O viajante, dirigindo-se ao arsenal, não póde eximir-se de uma sensação de terror entrando na sala d'armas. Tudo ahi annuncia a cova de Bellona, as officinas de Vulcano, e o genio da destruição. O pateo da entrada é guarnecido de pyramides de balas de todos os calibres. Os canhões de ferro, e de bronze de todos os navios ahi repousam; os morteiros fundidos estão proximos ás bombao; as granadas, e balas encadeadas bordejam as latadas á mistura com as colubrinas.

Ao abrir as portas d'este temivel armazem, se descobre de repente em seu fundo, como em um sanctuario marcial, o altar da guerreira Pallas. A estatua da Deusa, coberta de ferro, tendo na mão a lança, na cabeça o capacete, suspende em seu braço a egyde flamejante. Vinte mil espingardas cobrem as paredes das salas: milhares de piques, de lanças, de alabardas, de espingardas, de baoamartes, de pistolas, de pequenas peças, são arranjadas com symetria sobre cavaletes, ou cabides parallelos. Os Soes, que brilham nos tectos em florões, são figurados por sabres com os punhos reunidos para o centro; e as folhas radiantes, lançando mil scentelhas, podem bem servir de espelhos. As columnas são armadas desde as bases até aos capiteis por bayonetas núas, e polidas. Suas pontas ameaçantes, as folhas, e os triplicados gumes, as contas dos velhos guerreiros francezes, cobertas de um aço polido como espelhos, suas partasanas, suas archas d'armas ao lado das espadas, e das duplas espingardas modernas offerecem um espectaculo tão medonho, que nos julgariamos transportados a não sei que assembleia descripta por Milton, quando todos os diabos, reunidos no arsenal do Tartaro, ahi trabalhavam com uma atroz imitação na invenção das armas de fogo.

Sahindo da sala d'armas, e entrando na cordoaria, se observa o estabelecimento o mais vasto d'esta especie que existe em França, construido todo em abobada. N'elle se podem fabricar seis cordames a um tempo. A cordoaria é uma parte essencial da marinha, e que em França se buscou animar por todos os meios possiveis. Uma multidão de maquinas engenhosas se inventaram para abreviar, ou aperfeiçoar o trabalho; submetteram-se a ensaios um grande numero de materias filamentosas. O *Phormium tenax*, planta exportada da Nova Zelandia, fixou n'estes ultimos tempos a attenção dos administradores da marinha. Pareceu dever fornecer cabos, que, debaixo de um mesmo volume, apresentavam mais solidez, e elasticidade; porém essas qualidades precisavam ser comprovadas por meio de novas experiencias.

A marceneria, a tenoaria, a fundição d'artilheria, as forjas onde cem cyclopes, a maior parte encadeados, batem em cadencia com pesados martellos, enormes barras de ferro, a paderia real e seus fornos sempre fumantes, finalmente as aulas dos guardas da marinha, onde se observam os mais perfeitos modelos de navios de toda a especie, é tudo digno da mais minuciosr attenção.

Passando d'ahi a seguir os caes orlados em pedra, e coroados de ancoras todas armadas, se passa aos estaleiros. O dique, construido por Grognard, attrae a maior observação. Esta bacia tem trezentos pés de longo sobre cem de largo, quando o navio, que se quer querenar, entra para dentro, se lqe fecha a porta por meio de uma barca carregada de tudo o que ha de mais pesado, para a fazer mergulhar. Esta barca ajusta perfeitamente na entrada do dique, e não consente que a agua exterior se introduza. A bacia se despeja, dspois de fechada, por meio de bombas. A tranquillidade do mar, que no porto de Toulon é isenta de fluxo e de refluxo, facilitou os meios de dar a esta obra a solidez de que carecia. Comtudo a maior difficuldade n'esta empreza era a de deslocar um volume d'agua igual á grandeza da caixa, e de dispôr os pesos enormes com que se devia carregar a barca para mergulhar perpendicularmente.

O porto é menos longo, porém mais largo que o de Brest. O porto de Toulon é o principal da marinha militar sobre o mediterraneo, e está divido em porto velho, e em porto novo. O porto novo é frequentado pelos negociantes, e bordado por um caes bello, e largo; o porto velho é reservado aos navios, e vasos de guerra. Fortes, e baterias protegem a enseada, que é uma das mais espaçosas, e mais bellas do universo!

---

7 **FOLHETIM**

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Todos esperavam com impaciencia a chegada da ceia; e com a sagacidade particular á raça canina, se mantinham calados para não interromper o sombrio silencio do dono da casa, sentidos provavelmente tambem pela visita d'uma vara branca, que Cedric tinha ao pé de si, e de que se servia para refriar a petulaucia da familia de quatro pés, se por ventura se tortasse opportuna. Um cão de filla já velho, tomando a liberde d'um servo favorito, estava deitado junto da cadeira de seu dono, e despertava-lhe de tempos em tempos a attenção já pondo-lhe a cabeça sobre os joelhos, já lambendo-lhe as mãos. Mas nada obtinha mais que estes palabras por resposta: Abaixo, balder, abaixo! que não estou de rosas.

Na verdade não estava Cedric de bom humor, porque lady Rowena, que tinha ido ouvir e oficio da noute em uma igreja assás afastada, apenas acabava de chegar e mudava de fato, tendo sido molhada pela burrasca. Gurth com o seu rebanho, que deveria estar recolhido havia muito tempo, ainda não era chegado, e as propriedades eram tão pouco respeitadas n'estes tempos que se podia atribuir esta demora á pilhagem dos *outlaws*, de que os bosques visinhos estavam inçados, ou á violoncia d'alguns dos barões dos arrabaldes, que fiados em suas forças nenhum respeito guardavam ás propriedades dos outros. E não era cousa de tão pouco momento se se considerar, que uma grande parte da riqueza dos proprietarios saxonios consistia em varas de porcos, principalmente na visinhança das florestas, onde os carvalhos lhes forneciam um abundante cebo.

Além d'este motivo d'inquietação, o thane saxanio estava impaciente por vêr o seu bôbo Wamba, cujos gracejos lhe despertavam o appetite áquellas horas, e o depunham a beber copiosamente. Accrescia a isto que Cedric não tinha comido nada dedois do meio dia; e que a hora costumada da sua ceia era passada ha muito tempo; motivo de descontentamento mui ordinario nos gentis-homens do campo, naquelles tempos, como nos d'hoje. Não exprimia o seu sentimento senão por algumas palavras entre os dentes, que umas vezes pronunciava baixo, como se fallasse comsigo mesmo, e outra vez dirigia aos servos que o rodeavam, e particularmente ao seu copeiro que, de tempos a tempos, lhe administrava um copo de vinho, como se fôra uma poção anodina.

Porque tarda tanto a vir lady Rowena?

—Está-se a toucar, rerpondeu uma das criadas com o desembaraço com que as moças de retrete costumam fallar aos amos em nossos dias. O senhor não quer por certo que ella venha sentar-se á meza com a touca com que se deita: e minha ama não é das que ficam muito tempo no toucador.

A esta razão, que não tinha contra, o thane respondeu com uma interjeição approvadora, accrescentando:

Persuado-me que d'hoje em diante escolherá melhor tempo quando quizer ir fazer as suas devoções á egreja de S. João.

Voltando-se depois para o seu copeiro, e elevando a voz como se se consolára achando alguem em quem podesse sem escrupulo quebrar a ira:

—Com todos os diabos! clamou que motivo póde retardar Gurth! Temo que nos venha dar má conta dos porcos.

E com tudo um criado cuidadoso e fiel, e destinava-o a melhor emprego. Talvez o fiizesse mesmo um dos meus guardas!

—Ainda não é tarde, respondeu modestamente Oswald: não ha uma hora que se correu o sino, por ser este uso de invenção normanda.

Leve o demo o sino, e quem o corre, e nas profundas esteja o bastardo que taes modas nos trouxe, e e escravo que se atreve a fallar em tal nem presença d'um saxonio· O sino corrido! continuou depois d'uma breve pausa, o sino corrido que é uma ordem para apagar-mos o lume e as luzes, (1) a fim de que os ladrões possam praticar quantas rapinas quizerem com toda a segurança. Reginald Cabeça-de-Roi, e Filippe de Malvoisin sabem aproveitar-se deste signal tão bem como o mesmo Guilherme bastardo, tão bem como qualquer dos aventureiros normandos que combatem em Hastings. Estou vendo que os meus porcos foram roubados, para encher a barriga d'alguns bandidos normandos que seus amos deixam morrer de fome. Não tem outro recurso se não a pilhagem e o roubo, talvez matassem o meu criado fiel. E Wamba? onde está Wamba? Não me disse alguem de vós que o tinha visto partir com Gurth?

Oswald respondeu affirmativamente.

—De melhor a melhor! Ter-se-hão talvez apodera'o do doudo saxonio, a fim de lhe darem um amo normando. Com effeito somos todos uns verdadeiros loucos em lhes ser-mos submissos, e merecemos ser despresados, ainda mais do que se a natureza nos não tivera dado senão meia intelligencia. Mas eu me vingarei, accrescentou acceso em colera, levantando-se e pegando no dardo; queixar-me-hei ao supremo conselho. Tenho amigos vassallos; provocarei o normando a duello corpo a corpo. Que venha com sua saia de malha, com seu capacete de ferro, e com tudo o que pode dar animo aos cobardes; este dardo atravessou taboas mais grossas do que tres dos seus escudos. Julgam-me velho, de certo; mas verão que o sengue de Hereward corre ainda nas veias de Cedric. Ah! Wilffred! acrescentou elle abaixando a voz de modo que parecia só fallar para si, se tivesses podido vencer a tua paixão insensata, teu pae não teria sido abandonado na sua idade, como o carvalho solitario, cujos ramos sem folhas estão á disposição dos furacões!

Estas ultimas ideias trocaram-lhe a colera em tristeza. Tornou a pôr o dardo em seu logar, assentou-se de novo, e parecia engolfar-se em tristes reflexões.

O som d'uma trompa veiu despertal-o subitamente daquelle lethargo. Ladraram os cães, não só os que estavam na salla, mas ainda os de toda a casa. Foi mister a vara branca de Cedric, junta ao esforço dos criados para fazer cessar aquella espantosa algazarra.

Corram á porta, gritou o saxonio, logo que a tumulto lhe permittiu fazer ouvir a sua voz, e saibam o que vai de novo. Talvez venham annunciar-me algumas ladroeiras, ou algum assalto commettido nas minhas terras.

—Passados alguns instantes, um dos seus guardas veio noticiar-lhe que Aymer, prior de Jorvaulxe, e o cavalleiro Brian de Bois-Guilbert, commendador da ordem veneravel dos templarios, com um sequito numeroso, lhe pediam a hospitalidade por esta noute, estando de caminho para o torneiro que devia ter logar em dous dias, a pequena distancia d'Asbhy-da-Zoucho.

—O prior Ayner, Brian de Bois-Guibert! murmurou Cedric: ambos normandos! Mas pouco importa, normandos ou saxonios, nunca a hospitalidade será recuzada na habitação de Rotherwood. Pois se determinaram a pernoutar aqui, vem vindos sejam: Teriam com tudo feito melhor em seguir o seu caminho. Não que chóro alimental-os, e hospedal-os por uma noute. Demais, que apresentando-se como hospedes, ainda que sejam normandos, devem abester-se de insolencias. Hundebert, disse a ume especie de mordomo que estava por detraz d'elle com uma vara branca na mão, tomaí seis homens comvosco e fazei entrar os estrangeiros para casa dos hospedes: fazei tambem entrar seus cavallos e mulas nas cavallariças, e vigiai que as pessoas do seu sequito sejam providas do que houver mister. Offerecei-lhes vestidos, se acaso desejam mudar o que trazem no corpo; acendei um bom fogo em seus quartos, dai-lhes cerveja e vinho; dizei ao cozinheiro que augmente a ceia com o que puder, e cirvam-na assim que esses hospedes forem prestes. Tende cuidado de lhes dizer que Cedric teria ido recebel-os em pessoa e dar-lhes os emboras de sua vida, se não tivera jurado de não dar nunca trez passos fóra do seu docel para ir receber hospedes, menos que não sejam de sangue real saxonio. Ide, não vos esquecaes de nada, para que não possam dizer com seu orgulho, que não encontraram em casa d'um soxonio senão avareza e mesquinharia.

Partiu o mordomo com alguns outros criados para executar as ordens de seu amo.

—O prior Aymer! repetiu Cedric voltando-se para Oswald; é, se me não engano, irmão de Giles de Mauleverer, actualmente lord de Middleham?

Oswald fez um signal affirmativo com um ar de respeito.

—Seu irmão occupa o lugar e usurpa o patrimonio d'uma melhor raça, da de Ulfgar de Middleham. Mas quem é o lord normando que não faz outro tanto? Este prior é segundo se diz, um padre jovial, mais amigo da garrafa e da corneta de caçador, que dos sinos e breviarios. Vamos, venha, e será bem vindo. E o templario, como o chamais vós?

—Brian de Bois-Guilbert.

—Bois-Guilbert! ficou Cedric repetindo em voz baixa, como quem estando acostumado a viver com gentes que eram obrigadas a obdecer-lhe se não occupava com os circumstantes, e fallava comsigo mesmo. E um nome conhecido em longes terras e de que dizem bem, e mal. E', segundo consta, tão valente como o mais bravo da sua ordem, mas não lhe falta nenhum dos vicios dos seus collegas, orgulho, arrogancia, crueldade, costumes desordenados, tem o coração duro, não teme nem respeita nada sobre a terra nem no céu, eis o que dizem os poucos guerreiros que voltaram da Palestina. Mas é só por uma noute, tambem ha de ser bem recebido. Oswald, abri uma pipa de vinho velho, preparai o melhor hydromel, o cidra o mais espumante, á amorada e a piverada mais perfumada. Ponde na mesa os maiores copos: os templarios e os priores gostam de bom vinho e boa medida. E vós, Elgith, ide dizer a vossa ama que pode dispensar-se de comparecer esta noute á mesa, salvo se tal é a sua vontade.

—Decerto que o ha de desejar, respondeu Elgith sem hesitar, pois que estimará muito saber as ultimas noticias da Palestina.

Cedric lançou sobre a atrevida criada um olhar de descontentamento; mas lady Rowena e tudo o que lhe pertencia gozava do privilegio de desarmar sua cólera. Silencio! foi tudo quanto disse; tomai cuidado em ser discreta. Levai a minha messagem a vossa ama, e que faça o que lhe agradar. N'estes muros ao menos a descendente d'Alfredo reina ainda como soberana.

Elgitha retirou-se sem replicar.

—A Palestina, disse em voz baixa o saxonio, repotindo as ultimas palavras d'Elgitha; quantas orelhas se abrem para escutar os contos que nos fazem sobre este fatal paiz das cruzadas mil dissolutos, ou hypocritas peregrinos! Eu, eu tambem poderia procurar...., informar-me...., ouvir com palpitação as fabulas que estes velhacos vagabundos inventam para procurar a hospitalidade... Mas não, o filho que me desobedeceu já não é meu filho, seu destino é-me tão differente, como o do mais despresivel entre os milhares d'homens, que jámais trouxeram o signal da cruz no hombro, e que, derramando o sangue e entregando-se a todos os excessos, pretenderam cumprir a vontade divina.

E assim dizendo franziu a sobrancelha e abaixou os olhos para a terra; mas n'este momento abriu-se uma das portas da sála entrou o mordomo. com sua vara branca na mão, precedido por quatro criados com vélas acezas, e introduziu os dous forasteiros.

IV

Do fero boi, do timido cordeiro
Jorra no marmore • sangue em borbotões;
Já prompto o fogo, prepara-se o repasto,
Brilha nas taças excellente vinho.
.....
.....
De lado Ulisses participa ignota
D'ignobil mesa, d'indistinto assento.

Hom., Odyssea.

O prior Aymer tinha tido tempo para mudar os habitos de jornada por outro mais rico, sobre o qual trazia igualmente uma capa elegantemente bordada, além do annel d'ouro, distinctivo da sua dignidade, todos os seus dedos estavam carregados de pedras preciosas, apezar dos canones ordenarem o confrario; suas sandalhas eram do mais bello couro que jámais fôra importado d'Hespanha; sua barba estava reduzida á mais pequena dimensão que podia consentir-se na sua ordem, e a corôa occulta com um barrete escarlate ricamente bordado.

O cavalleiro templario tinha tambem mudado de vestido, e se vem que fosse menos carregado d'ornamentos, era mais rico, e dava-lhe um exterior mais luzido que o do seu companheiro. Tinha substituido a saia de malha por uma tunica de sêda escarlate, guarnecida de pelles, sobre as quaes fluctuava o manto branco como neve, com cr z de velludo preto, que era o distinctivo da sua ordem.

(Continúa.)

(1) Ordem dada por Guilherme o conquistador. Not. do traductor.

CORREIO DE LISBOA

30 DE MARÇO DE 1888.

Não ha novidades politicas. Nem a semana foi para isso, porque emfim ainda se respeita o que tão respeitavel é nas sociedades catholicas.

— O temporal aqui foi desfeito. A cheia no Tejo foi assombrosa, marcando em Vallada, hontem á uma hora da tarde, 5m,83, e isto é simplesmente descomunal. Ha prejuizos nos campos e grandes. Muitas sementeiras perdidas. Nos gados não houve grandes damnos porque se retirou para os altos e para os pinhaes, onde apenas lhe falta a alimentação precisa: soffre d'isso e mais nada. As aguas no Aterro subiram tanto que os barcos atracados nivelaram-se com os passeios, chegando as ondas a entrar pelas ruas dentro. Isto diz tudo. Os barcos do Tejo tambem soffreram muito, porque bastantes se perderam. O tempo porém melhorou e as aguas descem felizmente quasi que com impetuosidade egual áquella com que subiram. Melhoram por conseguinte as condições e isso é um bem apreciavel, porque a inverneira foi como ha muitos annos se não sentiu egual.

— No uso das suas attribuições mais sympathicas, o Poder Moderador commutou ou perdoou as penas aos seguintes réus de crimes civis:

José Pereira da Silva, perdoado o resto da pena; Antonio Maria de Carvalho, commutada a pena em 25 annos de degredo em possessão de 2.ª classe a contar da data em que a sentença passou em julgado; Antonio Marques Gil, expiada a culpa com o tempo de prisão soffrida; Francisco Blin, perdoada a pena de tres mezes de prisão; João Ferreira da Rocha, ou João da Rocha, commutado o resto da pena em dez annos de prisão; Joaquim Manuel, perdoada a 4.ª parte da pena; Antonio Maria, o *Saias*, commutado o resto da pena em cinco annos de degredo em possessão de 2.ª classe; José Umbolino, expiada a culpa com o tempo de prisão soffrida; Lino Antonio dos Reis, perdoado o resto da pena; Manuel Filippe, commutado o resto da pena em dez annos de degredo; Manuel Martins, idem; Placidina Maria Saballo e Maria Francisca Saballo, commutado o resto da pena em cinco annos de degredo; Rita Maxima da Cunha, commutado o resto da pena em dez annos de prisão.

S. M. tambem usou de clemencia para com os seguintes réus militares: —Domingos Antonio, commutada a pena em 1 anno de prisão militar; José Maria Soares, Antonio Rodrigues, Placido dos Santos, Francisco Ignacio, Joaquim Affonso, Antonio Pedro e Leandro, commutadas as penas em 2 annos de prisão militar.

— Os emprezarios dos theatros da capital receberam da policia as seguintes instrucções, emanadas do governo civil:

«1.ª Que os magistrados encarregados de presidir aos espectaculos deverão sentar-se uma hora antes da indicada para o começo da representação, que verificarão, ou, sob sua responsabilidade, farão verificar se todas as portas de sahida dos espectadores e artistas estão em boas condições de facilitarem a immediata evacuação do edificio em caso de sinistro.

2.ª Que os mesmos magistrados, logo que cheguem aos theatros ou casas de espectaculo, haverão dos chefes de piquete de bombeiros uma parte escripta e assignada, em que se declare que effectivamente estão tomadas todas as precauções contra o risco d'incendio.

3.ª Que no caso de não estar cabalmente prevenido o risco de incendio ou de haver causa que possa estorvar a facil e immediata sahida dos espectadores e artistas, ou se não estiver completa a illuminação supplementar, —em qualquer d'estes casos o magistrado prohibirá que se dê o espectaculo, intimará, sob pena de desobediencia, o emprezario ou director technico para não o dar, e fará constar ao publico que o espectaculo não se realisa e o motivo porquê.

4.ª Que, portanto, as portas não se abrirão ao publico, para a entrada, sem que a auctoridade declare que o espectaculo póde ter logar.

5.ª Que, no caso de desobediencia á prohibição do espectaculo, o magistrado inspector usará dos meios legaes, prendendo em flagrante delicto o desobediente ou levantando o competente auto quando a prisão não poder realisar-se, tornando, perém, effectiva pela força a sua ordem.

6.ª Que em cada palco estacione durante o espectaculo um guarda de policia incumbido de evitar que se fume na caixa, de fiscalisar se os bombeiros abandonam os seus logares e de vigiar que a illuminação suplementar se conserve constantemente accesa. Egual fiscalisação será exercida por outro policia a repeito da illuminação dos corredores, salões, salas e bufetes.

Das infracções praticadas pelos bombeiros e da falta de completa illuminação os policias darão parte por escripto.

N'este assumpto todas as prevenções são indispensaveis.

— O grande caricaturista Raphael Bordallo apresentou hontem no paço da Ajuda a Sua Magestade a Rainha numerosos pormenores e minudencias sobre os factos que se prendem ao incendio do Baquet. Foi a soberana quem reclamou do illustre artista a narrativa circumstanciada dos factos. A nova desgraça que assaltou Cyriaco de Cardoso commoveu-a, sobretudo, profundamente. O sr. Raphael Bordallo trata de organisar um espectaculo em beneficio do desventurado e distincto professor, agremiando todas as boas vontades que na classe musical possam manifestar-se, para suavisar quanto possivel aquelle conjuncto de amarguras.

Tambem lhe posso affirmar a proxima publicação de um jornal, numero unico, illustrado pelo distincto caricaturista, e collaborado por alguns homens de letras, em homenagem á santa rainha de Portugal.

— O concerto que se devia realisar no domingo proximo em casa dos illustres marquezes de Penalva ficou transferido para mais tarde.

— O sr. presidente do conselho entregou hoje a S. M. a rainha cento e trinta cinco mil e novecentos reis, subscripção dos passageiros do vapor *Tagus*.

— O sr. patiarcha ordenou em circulares aos parochos da capital que celebrem missas, suffragando as almas das victimas do extincto theatro Baquet, no proximo oitavo da Paschoa.

— A commissão encarregada de vistoriar os theatros, condemnou a praça de touros, que vae ser arrasada. Os madeiramentos estavam apodrecidos e quasi todos os prumos estão desviados da perpendicular cincoenta a sessenta centimetros, ficando, por isso, sem effeito a tourada promovida pela imprensa.

— Foi mandada regressar de Tanger a Lisboa a corveta *Bartholomeu, Dias*.

— Os jornaes de Hespanha contam do temporal cousas pavorosas. Tambem alli houve grandes damnos, pois rio houve que subiu 7 metros alagando e destruindo muitos terrenos e casas marginaes. E na Allemanha não foi de menos monta o successo. Póde bem dizer-se que foram geraes os effeitos do tempo que sofremos.

— A questão Boulanger, que é hoje a grande questão de França, não me parece tão falta de importancia como a alguns se afigura; pelo contrario parece-me grave, porque tende a provar que o systema parlamentar n'aquelle paiz, decae sensivelmente, contando já um grande numero d'adversarios.

Y.

TELEGRAMMAS

Madrid, 25.—A *Epoca*, elogiando os sentimentos caridosos da rainha de Portugal por ter ido pessoalmente soccorrer as familias das victimas do incendio do theatro do Porto, diz que a Hespanha não deve esquecer que Portugal, quando se deram os terremotos da Andaluzia, «acudiu pressuroso em nosso auxilio»; accrescenta que «é uma divida de honra devolvermos áquella naçao a nossa fraternidade»; e offerece-se para receber da melhor vontade os fundos que lhe sejam enviados para os remetter immediatamente ao consul hespanhol no Porto, a quem pedirá que os distribua pelas victimas do incendio.

Madrid, 27.—As noticias da Russia continuam a ser muito alarmantes. O governo do czar mandou fazer acquisição urgente de grande quantidade de provisões, augmentar os armazens militares e proceder-se á construcção de novos depositos.

Tem circulado na Russia uma folha anonyma dirigida a importantes personagens russos, dizendo que se considera inevitavel a guerra da Allemanha, e que estão preparados dez milhões de homens para defender a Russia.

Madrid, 27.—O principe Banezeveril, enviado extraordinario da Allemanha, que veio entregar á rainha regente D. Christina a carta autographa do imperador Frederico III, seguirá esta tarde para Lisboa.

Berlim, 26.—Um rescripto do imperador Frederico III conserva junto d'elle todos os ajudantes de campo e officiaes do fallecido imperador Guilherme. O somno do imperador Frederico III foi interrompido a noute passada pela tosse; a espectoração é agora menor. Os medicos estão anciosos pelo bom tempo, que permittirá ao imperador respirar ares mais puros.

Zanzibar, 27.—Falleceu hontem á tarde o sultão de Zanzibar, que havia regressado hontem mesmo de Mascate.

Roma, 26.—Corre o boato de que o rei Humberto e a rainha Victoria irão, a bordo de uma esquadra composta de navios inglezes e italianos, fazer uma viagem á Servia.

Londres, 27—Na camara dos communs o sr. Boschen introduziu no orçamento estabelecer-se o sello de um shilling sobre os valores ao portador, e o direito de entrada de 5 shillings por duzia de garrafas, na importação. O excedente previsto será de libras 212:000.

Madrid, 27—Foi apresentada á camara dos deputados uma proposta ordenando o estabelecimento da illuminação a luz electrica, dentro do praso de 6 mezes, em todos os theatros de Hespanha e colonias.

Berlim, 27—O imperador Frederico III continua experimentando melhoras e abandonou o projecto de ir para Wiesbaden. Logo que melhore o tempo, a familia imperial vae para Potsdam.

Roma, 27—O ministro da guerra communicou haver recebido do general San Marzano informações de que estão chegando tropas numerosas em frente de Subarquina e do forte Jenerus, a 7 kilometros do Sarti; e que é provavel haver de manhã ataque. Assegura-se que o negus chegon a Ghuida.

Bucharest, 27—Os deputados da opposição conduziram muita gente á camara para fazer escandalo.

Um tiro de rowolver, sahido da multidão, matou o porteiro do atrio do edificio.

A camara foi toda dispersada; ninguem ferido. A tropa deu descargas de polvora secca. A justiça está instruindo processo contra os dois deputados Fleva e Filippesco. Foram presos muitos jornalistas.

Paris, 28—O *comité* boulangista deliberou sobre a sua conduta a seguir, e tratar da desistencia da candidatura do general Boulanger pelo departamento de Aisne, em favor do sr. Doumer, radical, que se apresentará como boulangista.

O *Petit Journal* diz que a pena imposta ao general Boulanger foi excessiva, o que o ministerio, empenhado na lucta, não triunfará, provavelmente.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

ILLUMINAÇÃO A GAZ

A Camara Municipal do concelho de Aveiro faz publico, que, em sessão extraordinaria de 28 do corrente, deliberou abrir concurso para o fornecimento de gaz para illuminação da cidade nos seguintes termos:

1.°—O praso d'este concurso é de 20 dias, a contar do segundo annuncio publicado no *Diario do Governo*, e será tambem annunciado n'um dos jornaes de Aveiro, e n'outro dos da cidade do Porto.

2.°—A Camara garante que o numero minimo de candieiros destinados á illuminação das vias publicas será de 180, ficando salvo á Camara o direito de augmentar este numero por preço igual ao da proposta.

3.°—Nenhum concorrente será admittido ao concurso sem que previamente tenha feito na thesouraria municipal o deposito de 450$000 reis em dinheiro ou em fundos publicos.

4.°—Para garantia da execução do contracto, a Camara exige a caução de 4:500$000 reis em dinheiro ou fundos publicos.

5.°—O praso do contracto é por 40 annos.

6.°—As propostas serão apresentadas em carta fechada, dirigida ao presidente da Camara, e tendo por fóra esta simples indicação—*Proposta para a illuminação a gaz na cidade de Aveiro*, sem signal externo que revelle o preço, nem as condições, nem o signatario da proposta.

7.°—Cada proposta deve conter:

1.° a declaração expressa de que o proponente se obriga a acceitar todas as condições mencionadas no annuncio do concurso;

2.° o preço minimo que a Camara erá de satisfazer annualmente por cada candieiro de illuminação das vias publicas, e o preço minimo do fornecimento de cada metro cubico de gaz para consumo municipal e para consumo particular ou de estabelecimentos publicos, quer em illuminação permanente, quer em não permanente;

3.° Todas as mais condições, clausulas, concessões ou garantias que o proponente quizer offerecer ou acceitar, e que possam determinar razões de preferencia entre as propostas.

8.°—A Camara reserva-se o direito de não acceitar nenhuma das propostas, se lhe não convierem, e de abrir novo concurso, ou contractar particularmente este fornecimento, sem que os concorrentes tenham direito a qualquer indemnisação.

E para constar se passou o presente, para ser publicado n'um jornal da localidade, outro n'um jornal do Porto, e outro no *Diario do Governo*.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 28 de março de 1888. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, secretario da Camara, que o subscrevi.

O vereador, servindo de presidente—*Antonio Vieira dos Santos*.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, do Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, prepararei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abanadonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Mouthonis.»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phien, 102, rue Richelieu, S.r de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phies.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

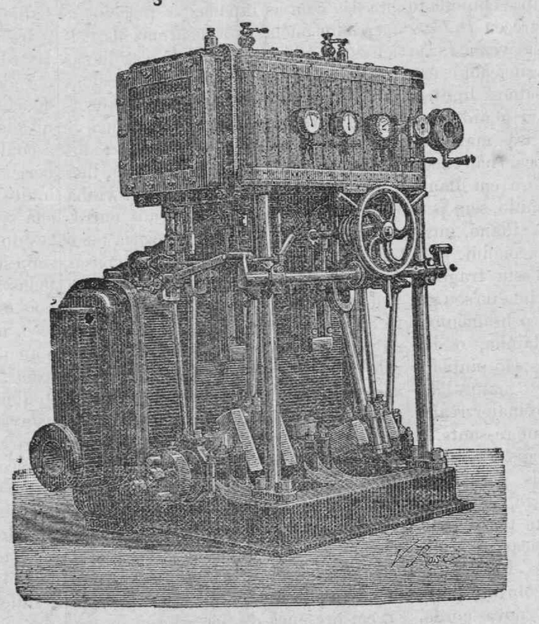
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição; construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão de voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Phien em PARIS.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos contra a Falta do appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phies.

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

A PRESTAÇÕES DE 500 RÉIS SEMANAES

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Garantia illimitada por todo o tempo

A PRESTAÇÕES DE 500 RÉIS SEMANAES

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Ensino e consertos gratis

A NOVA MACHINA PARA COZER DE

LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' Esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura com as quaes se faz com a maior facilidade os trabalhos mais delicados.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Agulha é sempre ajustavel.

Lançadeira que leva um carrinho de algodão.

Dá 2:000 pontos por minuto!!

Levessimas no trabalho e silenciosas sem egual.

Não preciza encher canella nem enfiar a lançadeira.

O pesponto é o mais bello e o mais illastico.

Todo o seu machinismo é ajustavel estando a machina sempre perfeita.

A nova machina de lançadeira oscillante é dedicada ao serviço de costureiras, alfaiates, sapateiros, chapelleiros, correeiros e para toda a classe de costura.

A nova machina de lançadeira oscillante está construida especialmente para costureiras que se dedicam á costura de punhos e collarinhos.

NOVIDADE — Bordados a alto relevo feitos com lã

PRIVILEGIO — Por vinte annos

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

75—Rua de José Estevam—79

PEGADO Á CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

EDITAL

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto d'Aveiro:

FAZ saber que se acha exposto ao publico por espaço de 8 dias a contar de 31 de março corrente, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, na repartição da mesma Junta, o 1.° orçamento supplementar d'este districto para o corrente anno civil de 1888.

Todos os eleitores do districto que quizerem reclamar ácerca do mesmo orçamento, o poderão fazer conforme o § 3.° do artigo 64 do Codigo Administrativo.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor, para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro 27 de março de 1888.

O vogal servindo de presidente,
Visconde de Valdemouro.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos Alimentos alliado aos Tonicos mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE.

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da *Carne*, do *Ferro* e da *Quina*, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação d'lorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *cutaneas*, etc. O Vinho Ferruginoso Aroud é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris na Pharm.ie de J. FERRÉ, 102 Rue Richelieu, 102 Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

EDITAL

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto d'Aveiro:

FAZ saber que se acham patentes ao publico por espaço de 8 dias a contar de 31 de março corrente, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, na repartição da mesma Junta, as contas da receita e despeza d'este districto, relativas ao anno civil de 1887 proximo findo.

Convida portanto todos os eleitores do districto a virem alli ver e examinar as ditas contas, e a apresentarem ácerca d'ellas, dentro do referido praso, quaesquer observações que entenderem conveniente fazer, em conformidade do artigo 83 § unico do Codigo Administrativo.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro 27 de março de 1888.

O vogal servindo de presidente,
Visconde de Valdemouro.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrhéas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de Raquin e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de unho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Manuel B. Branco

El-rei D. Manuel..... 700

D. Albertina Paraizo

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888..... 240

D. Guiomar Torrezão

Almanach das Senhoras, para 1888... 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888..... 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor... 200

Os Antros de Paris

ULTIMA PRODUCÇÃO DE *XAVIER DE MONTÉPIN*

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litographias, aguareladas por Manuel de Macedo e executadas na litographia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas semanas, pagos adiantadamente. Assigua-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalvya, 42—Lisboa.

NOVIDADE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.° 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO